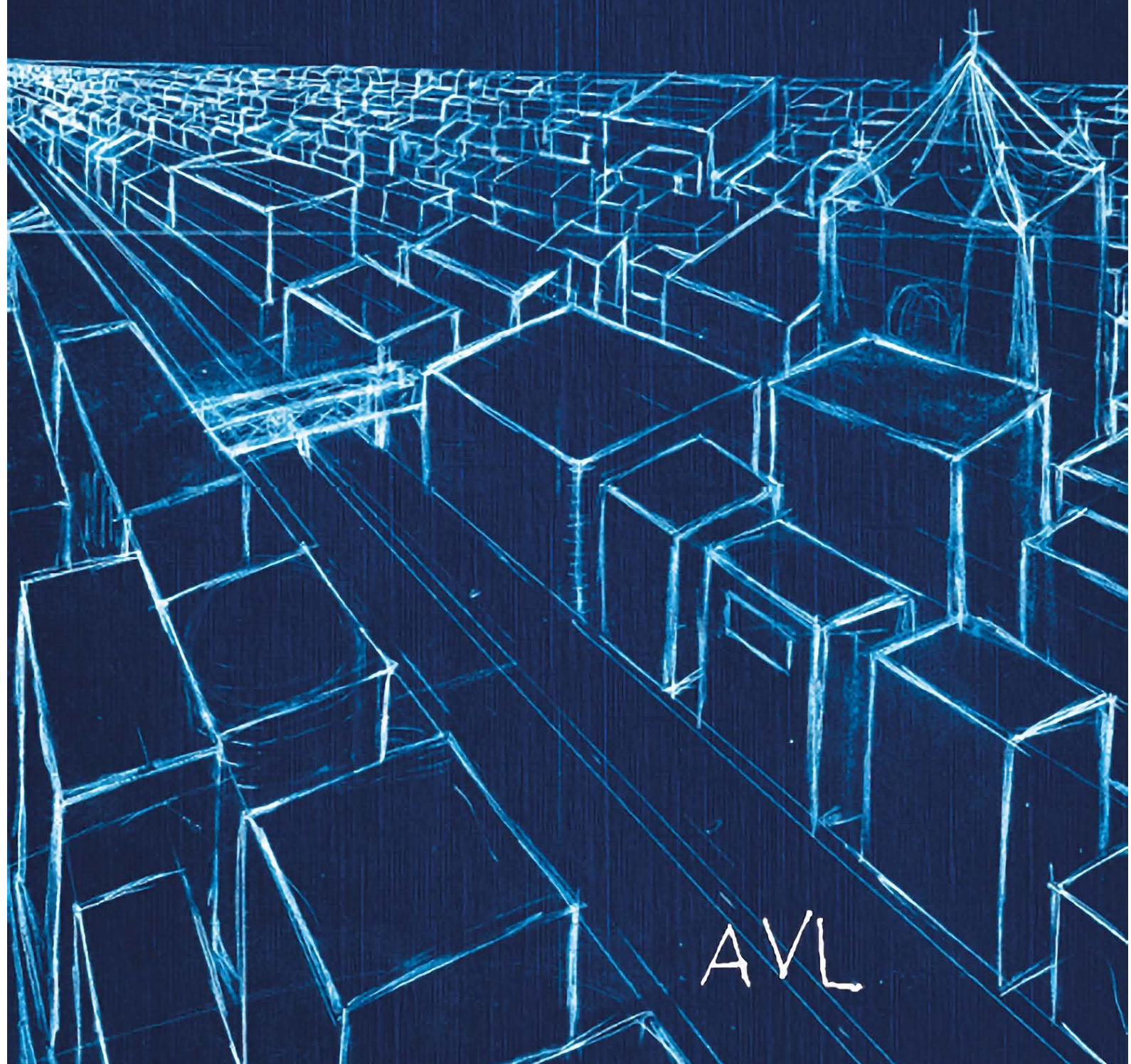


VALPARAÍSO

HISTÓRIA POESIS



AVL

ValParaíso: história poesis

**Memória e
Identidade Social
do Valparaíso**

Versão digital, 1ª edição - NOV/2023.

Para acessar outros títulos gratuitos, visite
www.academiavalparaisensedeletras.com

UMA HOMENAGEM DA AVL AO VALPARAÍSO

“mas a saudade é isto mesmo; é o passar e repassar das memórias
antigas”.

Dom Casmurro - Machado de Assis

2022 by Academia Valparaense de Letras -AVL

- 2022 by AColibri

Todos os direitos desta edição reservados à AVL/AColibri.

Rua 17, Quadra 47, Lotes 18-20 – Bairro Novo Jardim Oriente
Valparaíso de Goiás - GO. CEP: 72.870-215. Fone: (61) 99168-4768
@academiaavl

CAPA

Fagner Souza Rodrigues (@fagnersouza18)

DIAGRAMAÇÃO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Alexandre Victor dos Santos Bernardo (@alexandrevbernardo /
@osuniversosparalelos)

REVISÃO

Alexandre Victor dos Santos Bernardo

Lucas Guimarães Cabral de Souza (@lgcdsouza / @souzaempalavras)

CURADORIA

Alexandre Victor dos Santos Bernardo (@alexandrevbernardo /
@osuniversosparalelos)

ILUSTRAÇÃO

Fagner Souza Rodrigues (@fagnersouza18)

Décio de Souza Bernardo (@decioartsdf)

FOTOGRAFIAS

César Ferreira e Thiago Maroca

Grafia atualizada segundo o Novo Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica feita pela Academia de Letras

Letras, Academia Valparaense de
ValParaíso: história poesis / AVL. -- 1. ed. --
Valparaíso de Goiás, GO: AColibri, 2022.

ISBN 978-65-995439-0-6

1. Literatura Brasileira. 2. História
I. Coletânea.

45-97865

CDD – 978.65



SUMÁRIO

<u>Prefácio</u>	7
<u>Valparaíso: realidade e esperança</u>	13
<u>Conhecendo o Valparaíso de Goiás</u>	17
<u>Desventuras de Gauche</u>	24
<u>As pequenas felicidades certas...</u>	31
<u>Vidas Cruzadas</u>	39
<u>Pra não dizer que não falei do Parque dos Flores</u>	58
<u>A religiosidade da cidade de Valparaíso de Goiás</u>	69
<u>Céu Azul</u>	76
<u>Aniversário da Cidade</u>	79
<u>Sobre Migração, Pêndulos e Nidificação ou BSB-VAL</u>	88
<u>Êle</u>	93
<u>Faltou Luz: o brilho que foi apagado</u>	97
<u>Pósfacio</u>	103
<u>Sobre os Autores</u>	104



Foto: César Ferreira

Segura a minha mão. Quero te mostrar o céu da minha cidade.

Prefácio

Alexandre Bernardo e Jhean Lima

Eu tento tirar os olhos, mas não consigo. Estou vidrado. Estou apaixonado. Não posso parar de olhar para os céus desta cidade. Compus doce melodia sobre aquela nuvem ali do canto. Aquela que parece com uma ovelha tocando flauta ou com um deus grego em cima da carruagem de tubarão. É um céu único a todo momento e não tenho vontade de perder nada. Nadinha. Mas entenda que não foi por decisão minha. Foi por conselho de um amigo. Que no início assumo que nem sabia da grandiosidade de tudo que ele estava ali por falar.

Quando eu o vi pela primeira vez, estava na Praça da Etapa A. Eu havia chegado na cidade de Valparaíso. Trabalhava numa obra de construção e era a época da cidade se levantar do chão. Poucas opções e coisas para fazer no nosso tempo livre da obra. E estava ele sentado num dos banquinhos no canto, tentando afinar um violão antigo. Eu percebi o tempo que aquele senhor de longos cabelos negros, com alguns fios já branquinhos, passava por ali. Afinava, tentava dedilhar algo, anotava num papelzinho ao lado e já corria de volta pro violão. Parecia pensar. Parecia compor. Olhava para o céu e acredito que, ali, ele tentava se inspirar.

Fiquei de longe, calado. Observando o jovem senhor. Ele arrumava o cabelo atrás da orelha. Repetia o processo com o violão e finalmente, depois de muitas vezes repetir os mesmos atos: sorriu. Olhava pra folha de papel rabiscada, um pouco amassada percebo, e soltava um sorriso satisfeito. O sorriso de quem finaliza uma música e gosta dela. É a sua pequena obra de arte. Parou. Deixou o violão de lado e acendeu um cigarro.

Nesse momento eu me aproximei. Fala, meu caro. Disse. Ele me cumprimentou de volta e expliquei. Vi aí que você estava bastante concentrado no violão e em escrever algo por esse papel. Conta aí. Conseguiu compor algo? O que fez? Indaguei. Ele ouviu a pergunta com atenção nos olhos e soltou. Sabe. Eu estava sentando com o violão, brincando com algumas melodias que eu andei fazendo por esses dias e bem na minha frente estava uma mulher magnífica com as costas nuas tecendo, bordando, trabalhando em algo que podia ser desde um lindo

vestido a uma colcha de retalhos. E... Eu não sei bem, mas quando eu vi aquela cena e pensei na construção do mundo, pensei também na construção da vida e entendi mais uma vez o quanto a vida é maravilhosa. Olhe para esse céu. Isso é único e diferente de qualquer lugar que você possa conhecer.

A resposta me pegou um pouco de surpresa e passamos mais algum tempo falando sobre a vida, o universo e tudo mais. Ele me falou suas referências, contou algumas de suas histórias e também de suas preocupações. Falou que nasceu em Pernambuco e que começou na música fazendo suas batidas com latas de leite em pó. O primeiro violão veio aos nove anos, um presente de seu falecido irmão Marcelo. Depois conheceu, no centro de Olinda, um homem chamado Ari que já tinha sua própria banda, e foi junto dele para o interior começar a tocar de fato. Apostando no atrevimento, pois saber muita teoria, de fato não sabia.

Chegou no Trevo, uma roda gafeira e passou tempos tocando a dois Cruzeiros. Tocava de quinta a domingo e segunda já ia atrás de fazer manutenção do instrumento para aguentar mais tempo no ofício. Tocou na banda Exclusão, depois nas Esquinas Paralelas, Raízes e partiu para Portugal. Mas passando por Brasília se apaixonou. Estava agora apaixonado pelos céus de Valparaíso. Sonhava ser ainda vereador da cidade e ajudar a formar um polo cultural na cidade.

Mas no fim de tudo, fez uma brincadeira-revelação que, essa sim, acabou me surpreendendo de fato. Ele me vira e diz sem pudor e com o mesmo sorriso da obra-prima que era na verdade um viajante do tempo. Não só do tempo, mas do tempo e espaço.

Eu ri e fiz o mínimo que se faz numa situação dessas. Acreditei, sonhei com o jovem senhor, disse-lhe que acreditava, mas que queria também uma prova. Ora só. Não podia ser fácil assim também. Ele disse que já conhecia o local que ali estávamos e que ela deixaria um dia de ser praça. Seria um centro efervescente de cultura e sabedoria popular. Ali teríamos mais comércios, onde jovens no futuro se sentariam em seus primeiros encontros, mas também danças, pinturas, leituras de poesias, lançamentos de livros, shows e tudo mais. Tudo bem ali, na então pacata e paradinha Praça da Etapa A.

E tem mais. Não digo só da praça. Digo da cidade. O nosso Valparaíso há de crescer e de honrar mais o nome. Pois onde a beleza da vida aflora cresce também nossa vontade de viver. E tudo há de crescer nessa cidade e sabendo olhar com

carinho até para nossas feridas e ranhuras, veremos a esperança de sempre seguir em frente e desenvolver cada vez mais.

Não pude conter um riso e uma piada. Fala sério, meu caro. Essa sua conversa está muito mais para profeta do que para músico. Você é pelo menos um músico de verdade? Ele encheu o peito para responder as perguntas que fiz e acertou a maioria delas. Mas mesmo aquelas em que se aproximou da resposta correta, acabou por chamar atenção pela sua confiança. O atrevimento parecia sincero. Gostei de ti, meu caro. Sinto que a gente ainda vai se ver por aqui. Ele voltou ao violão, sorriu e levantando o rosto me disse: pois eu sei sim. A gente ainda vai se encontrar aqui de novo.

Guardei o nome do jovem senhor na minha memória por afeição. Mas acontece que não o vi mais nos dias seguintes. Nem nos meses. Tampouco nos próximos anos. Mas entendo que quem solta a voz nas estradas já não pode parar. Milton me ensinou que o artista tem que ir aonde o povo está. E meu amigo devia estar dedilhando seu violão pelo mundo. No entanto, pouco a pouco fui lembrando do meu viajante no tempo e espaço.

Foi engraçado perceber que muitas das suas profecias e previsões da cidade iam se tornando aos poucos realidade. Parte de suas palavras iam voltando à minha mente e comecei a duvidar se de fato o que eu lembrava era memória Déjà Vu ou sei lá o que. Fato foi que pouco a pouco fui **Conhecendo a Cidade de Valparaíso de Goiás**. Entendendo suas nomenclaturas, quadras e lugares. E sinto que ele citava lugares que hoje até existem, mas que seriam surpresa aos ouvidos de quem primeiro aqui chegou. Sofri ao enxergar o sofrimento de alguns que também por aqui vivem e chorei ao ouvir as **Desventuras do Gauche**. Mas olhando a felicidade por janelas escolhidas a dedo, percebi também a chance de encontrar **As Pequenas Felicidades Certas** no meio de tanta desilusão.

As palavras iam voltando pouco a pouco da nossa conversa. Quando conheci Débora e suas histórias de **Vidas Cruzadas**, senti que conhecia cada fato ali narrado, que presenciei até mesmo a primeira morte da cidade e que tomei café e comi pão de queijo com personagens de suas histórias. Vi a cidade crescer com seus trabalhos. Como vi crescer o **Parque das Flores** e entendia a luta pelo direito à moradia e à dignidade. Levantei placas, fui às ruas e também dancei um forró gostoso no fim da noite. Busquei refúgio no espiritual e conheci a **Religiosidade** que também habitava a cidade desde muito cedo. Aprendi a respeitar as diferenças e

entender o coração dos homens. Cheguei ao **Céu Azul**, peguei seus ônibus e da janela observava a paisagem e vez ou outra olhava só pro chão esperando virar o asfalto com aquele efeito de velocidade que só quem se concentra no chão de dentro de um ônibus pode entender.

Comemorei anos e não somente meus. Vivi o **Aniversário da Cidade** e já ficava ansioso pensando em como seria a nova festa e se teríamos fogos, mesmo com a preocupação pelos bichinhos que ficavam em casa. Poucos que fossem e pouco barulhentos me bastavam. Vivi também a estranheza **Sobre Migração, Pêndulos e Nidificação** e me via com saudades do Val. Doido pra pegar o ônibus do Plano Piloto de volta para o meu dormitório preferido. Que faça-se nota eu não só dormia. Formava vida, diversão e seguia. Encontrei com **Êle** e entendi o amor pela terra, pela escola, por Senna e pelo pequeno que crescia cada dia mais. Deparei-me também com o dia que **Faltou Luz**. Lembrei dos amigos que partiram e de toda a insensibilidade da violência ao escolher as vítimas. Sem pudor. Mesmo assim, pude deixar a arte levar a frente cada dia, palavra e sonhar. Ah! Se teve algo que fiz em todos esses anos foi sonhar.

E findados todos os sonhos, mas sabendo que nenhum poderia terminar, estava eu já com meus cabelos brancos sentado num banquinho da Praça da Etapa A. Comi um delicioso cachorro quente e fiquei feliz com a agilidade para matar minha fome. Caprichei também no molho de alho. E como já é costume por aqui, estava ali acontecendo mais um dos eventos culturais que eu pensava ser viagem de qualquer sonhador.

Era o lançamento de um livro da Academia de Letras do Valparaíso! Vê se pode! O Valparaíso tinha agora até mesmo a sua própria Academia de Letras! Ponto de cultura? Difícil. Nossa cidade se importa mais em trabalhar. Mas demorei pra entender que no tecer de uma colcha, no levantar da parede e no limpar das ruas havia também a arte em sua forma nua e todo ato gerava palavras para abrilhantar nas mentes das bruxas, dos feiticeiros, dos sonhadores e dos poetas. E naquele lançamento de um livro de sentimentos humanos, Raiva, acredito eu, uma voz doce e potente pedia aplausos para a próxima atração da noite: Jorge Recife!

Que surpresa foi ver o mesmo jovem senhor com seus longos negros cabelos, com alguns fios já branquinhos. Ele cantou a sua obra de arte de anos atrás sobre a mulher que bordava linhas e deixava a vida mais bonita. Eu levantei subi no banco e aplaudi com a força que ainda tinha. Ele, então, me viu. Solto um

sorriso de viajante no tempo e espaço que enfim conseguiu provar seu ponto. Sorriu também com o mesmo sorriso de quem acabou de terminar a sua pequena obra de arte em forma de canção. Gritou: olha o tamanho disso, meu povo! Valparaíso respira cultura! Eu não te disse? Eu te disse!

Que bom é te ver crescer, meu Valparaíso. Que bom saber que hoje a minha cidade é **Realidade e Esperança**. Eu que vim desde o primeiro momento amando teu céu, hoje vejo a imensa beleza que carregas no chão. Eu te convido agora a conhecer e viajar comigo em cada uma dessas histórias. Segura a minha mão. Quero te mostrar o céu da minha cidade.



Foto: César Ferreira

Valparaíso: realidade e esperança

Alexandre Bernardo

“A saudade é isto mesmo; é o passar e repassar das memórias antigas.”

Machado de Assis, Dom Casmurro.

A primeira vez que encontrei Dona Guiomar foi em uma tarde insuportavelmente quente de outubro. Eu sentava pra fumar um cigarro na porta de sua casa antes de criar coragem para chamá-la. Sentei no meio fio que parecia recém pintado e tomei cuidado para não sujar a calça com aquele pó branco que escapava da tinta. Não adiantou muito, mas eu, já sujo, permaneci ali por mais alguns minutos. Não ia fazer tanta diferença afinal. Os cachorros latindo alto e eu ali.

Um estranho pensando no tempo daquela rua. Quem ali passava. Se carros, carroças ou um jovem de skate. Na praça longe eu imaginava o primeiro beijo assistido. Ele era roubado e até um tapa acontecia. Quem arquitetou tudo isso e trouxe vida pra cá? Eu sonhava com a história. Era essa a minha pesquisa e minha profissão. Por mais que alguns falassem que história não era nem mesmo profissão.

Dona Guiomar surgia atrás de mim e sua voz era abafada pelos latidos desesperados dos cachorros. Eu olhei para trás e sorri vendo a senhorinha perguntando algo e cercada pelos mais felizes dos canídeos. Eu entendi finalmente sua pergunta, se eu era o moço do jornal. Eu respondi que era e ela ficou eufórica por nunca ter dado antes uma entrevista. Sentia-se uma estrela de cinema, mas com a diferença que dessa vez podia falar. Meu coração sorria e pensava nela em sua mocidade visitando um cinema mudo e se maravilhando, mas corri logo para as perguntas para poupar também sua memória e seu tempo.

Ela começou falando de sua chegada à cidade de Valparaíso, no estado de Goiás, coração do Brasil. A cidade nem era cidade de fato, pois se formava de um

vilarejo pequeno chamado ainda de Parque São Bernardo desde 1959 e que só foi reconhecido pelo prefeito de Luziânia, Walter José Rodrigues, em 19 de abril de 1979. Os anos 80 estavam chegando com o novo Núcleo Habitacional Valparaíso I. Guiomar dizia essas palavras com pompa e felicidade. O marido dela trabalhava na construção de Brasília e era amigo do primeiro administrador da cidade, o senhor Clóvis José Rizzo Esselin de Oliveira Almeida, que tinha uma frase como nome e a senhora ainda lembrava do nome perfeitamente. Claro que eu pensava em bater os dados que ela falava com registros que iriam servir de fontes históricas, mas seu relato oral era de quem conhecia de perto e não deixaria detalhes importantes falharem em sua fala.

Ela afirmava que a cidade tinha poucas ruas, umas 800 casas (pelo registro 864 precisamente) e apenas uma escola e um prédio para a administração. O que sobrava era problema. Nada de comércio, água faltava o tempo todo e transporte só na BR-040, que cruzava o município e colocava o povo pra caminhar um bom pedaço de chão se quisesse trabalhar na construção de Brasília ou nos municípios vizinhos. Demorou até 15 de junho de 1995, comemorado hoje como aniversário da cidade, para se separar de Luziânia e ver seu tamanho suficiente para ser um município por si só. Forte e independente. Finalmente Dona Guiomar podia se chamar de valparaisense. Ela ainda dizia ter um pouco de dúvida sobre o motivo da cidade ser chamada Valparaíso de fato. Uma versão falava de um engenheiro desconhecido que tinha vindo de Valparaíso do Chile, mas ela também tinha ouvido que o responsável pelo projeto urbanístico era de César Barney, colombiano de Cali. Este fazia parte da equipe de Oscar Niemeyer e ficava surpreso como tudo tinha que ficar pronto pra ontem por essas terras.

Claro que um novo elemento chegava junto: a política e junto dela as suas intrigas e brigas já características. Dona Guiomar dizia que não acreditava nisso como uma luta do bem e do mal. Cada pessoa que tinha estado governando o município tinha as suas qualidades e defeitos e nenhum deles era perfeito, mas que

sempre uns detalhes se mostravam além dos demais. E ela era uma moça bem atenta.

Nas idas e vindas de partidos, ela lembra de ter começado com José Valdécio do PTB, deu lugar a Juarez Sarmento do PSDB, depois Valdécio voltou e saiu para a chegada da primeira mulher, Lêda Borges do PSDB, até o governo de Lucimar Nascimento do PT e finalmente de Pábio Mossoró que governava ainda hoje e que Guiomar conhecia de perto e acompanhava suas medidas com tradicional atenção, dizendo inclusive que sua trajetória começava no PSDB, apoiado por Leda, mas que recentemente via mais fatores positivos no MDB e trocou de partido.

Para reunir todos esses dados, nossa conversa já ia pra muitas horas e eu fiquei de voltar no mês seguinte. Recolhi material, li e reli tudo com muito cuidado e voltei pra fechar as informações. Chegando lá, o calor permanecia o mesmo e os cachorros latiam alto e mais alto. Dona Guiomar saía calmamente da casa, mas uma garotinha saltou em sua frente e correu para abrir o portão. Toda sorridente ela me cumprimentou e voltou saltitando para dentro de casa. Dona Guiomar chegava na paz que só sua idade traz e me pedia gentilmente para entrar num movimento de mão e um balançar de cabeça. Eu a seguia. E ouvia a risada alta da garotinha, de longe esquentava o coração. Aquela casa não era só uma construção. Tem todas as características que formam um lar. Dava pra sentir.

Eu seguia falando com a Dona Guiomar, primeiro detalhando as fontes históricas pesquisadas e depois comparando com suas informações e ela ficava feliz toda vez que eu dizia que sua memória estava ótima e os detalhes citados tinham muitíssima precisão. Ela dessa vez deixou um livro na mesa e eu lia o nome de Walter Mattos e ela me recomendou a leitura. O nome era “Valparaíso de Corpo e Alma” e a capa trazia a construção da cidade vista do alto. O céu daquele azul que só aqui se vê.

A menina corria pela sala e esbanjava luz, distribuía sorrisos e brilhava esperança em cada pulo no meio da sala. Eu perguntei seu nome a Guiomar que sorriu e me disse que desejava um nome que lembrasse esperança e crescimento,

então o nome da menina só podia ser um: Val. Você acredita que essa pequena ainda me foi nascer no dia 19 de abril? Existe um aniversário melhor? Não tem. Ela dizia. Tem gente que fala por aqui, sabe, que o Valparaíso ainda busca sua identidade como cidade. Que se confunde à capital por conta da proximidade. Eu penso no futuro olhando o olhar dessa gente feliz que aqui vive. Eu penso na identidade da cidade olhando a felicidade da netinha de Dona Guiomar. O nome da esperança é Val.

Segui os trilhos e cheguei às luzes da cidade. Assim,
conheci também o lado obscuro que compõe nossa
história.



Foto: César Ferreira

Conhecendo o Valparaíso de Goiás

Michel Duarte

Valparaíso de Goiás tem duas versões para esse nome: O nome da cidade seria uma homenagem a um engenheiro civil natural de Valparaíso (Chile), que veio para o Brasil e foi o responsável pelo primeiro projeto habitacional da cidade. A outra versão seria a geografia da cidade, pois ela se encontra entre vales. Val é um apócope de Vale e paraíso remete a um lugar aprazível. O crescimento de Valparaíso de Goiás e região e seu eventual progresso político-administrativo se deve à construção da capital do Brasil. Brasília fazia parte de um ambicioso plano do governo JK que pretendia desenvolver “cinquenta anos em cinco”, embutido nesse slogan estava a promessa de acabar com o atraso e os costumes antiquados no Brasil.

Segundo pioneiros, onde se localiza o Distrito Federal só havia deserto e só se escutava “o miado da onça”. Segundo relato de Antônio Pimentel em seu livro “Visão histórica de Valparaíso de Goiás” de 2006, havia poucos habitantes no início de Valparaíso de Goiás. “Tiveram poucos proprietários e reduzidos habitantes, pois quase nenhuma moradia existia nessa vasta região, o que lhe transformava em uma ampla larga de pastoreio de animais dos moradores da circunvizinhança”.

Brasília apresentou um inchaço, um crescimento exacerbado. Os criadores Oscar Niemeyer e Lúcio Costa queriam 700 mil habitantes, mas a previsão do IBGE para o ano de 2019 já era de 3 milhões. Valparaíso de Goiás devido a sua proximidade com a Capital Federal recebeu grande número de migrantes. A maioria dos habitantes de Valparaíso de Goiás tem suas vidas voltadas para o Distrito Federal, muitos até mesmo exercem os seus direitos políticos lá. Por esse motivo, Valparaíso é considerada uma cidade dormitório, termo usado para designar uma cidade onde as pessoas usam para passar a noite apenas, mas trabalham em outra.

Esse cenário despertou o interesse de emancipação da região ainda parte integrante do município de Luziânia, antiga Santa Luzia. A criação de municípios era alvo de críticas devido a gerar custos, a partir de novas estruturas que vão desde a contratação de servidores à manutenção de um Legislativo. A motivação para a criação de uma nova cidade partiu da necessidade de melhoria de serviços como saneamento, escolas, postos de saúde, iluminação pública e energia elétrica.

Houve três plebiscitos e uma tentativa de um com o intuito de emancipação respectivamente: o primeiro em 1985, não foi acolhido pelo legislativo goiano. 1987 e 1990 faltou quórum, e em 1995 a emancipação foi alcançada. Em 1996 houve eleições para prefeito e vereadores. Aqui cabe explicar o que é um município e como é criada uma cidade no Brasil.

O que é um município?

Um município, também chamado de cidade, é uma das três unidades que compõem a federação brasileira. Ele está subordinado a outros dois entes que são o estado no qual está inserido e hierarquicamente à União. O sistema federativo do Brasil prevê um poder descentralizado. As cidades passaram a ser unidades federativas com a Constituição Federal de 1988. Dessa forma, conquistaram autonomia e puderam legislar sobre assuntos locais. As leis da cidade são aprovadas pela Câmara Municipal. Essas determinações são sancionadas ou não pela autoridade maior na estrutura administrativa do Poder Executivo municipal, o prefeito.

Como se criar um município?

É preciso primeiro que haja a vontade dos cidadãos do distrito que pretende ser emancipado. Essas mobilizações devem ser formalizadas à Assembleia Legislativa, órgão legislativo do estado. Se aprovada a viabilidade, será programado um plebiscito e sua apuração será ajuizada pela Justiça Eleitoral. O plebiscito é um instrumento de consulta popular que antecede um ato legislativo. Somente o quórum iniciará o projeto de lei estadual necessário para a criação do município. Ao fim do

processo e com a anuência da lei pela Assembleia Legislativa, haverá a fundação da nova cidade e a eleição de seu primeiro prefeito.

Dica literária:

José J. Veiga é o patrono da segunda cadeira da Academia Valparaense de Letras, a qual eu ocupo. O seu romance “A hora dos ruminantes” pode ajudar a entender e ampliar o contexto sobre a emancipação política de Valparaíso de Goiás e suas consequências. A região de Valparaíso de Goiás, assim como a cidade fictícia de Manarairema, sofreram as benesses e as contradições advindas da modernidade.

“O argumento chave é o de que o cerne do romance está na forma como os munícipes dessas pequenas cidades do interior do país, como a isolada Manarairema, reconfiguram sua realidade frente a um cenário de rápidas transformações”, comenta Flaviana Mesquita Amâncio, da Universidade Federal de Goiás.

Lado Obscuro: Prostituição

Cora Coralina é a patronesse da Academia Valparaense de Letras. O patrono é aquele que defende, aconselha e direciona. Então tomo emprestado o poema de Cora intitulado de “Mulher da vida”. Texto que traz quem está à margem da sociedade para o centro da cena e abre espaço para os marginalizados da sociedade; aqueles que são alvos de crítica e preconceito. A intenção aqui é a mesma, promover a mulher prostituta como protagonista da busca de uma identidade que Valparaíso de Goiás pretende conquistar.

Mulher da Vida, minha Irmã. De todos os tempos. De todos os povos. De todas as latitudes. Ela vem do fundo imemorial das idades e carrega a carga pesada dos mais torpes sinônimos, apelidos e apodos: Mulher da zona, Mulher da rua, Mulher perdida, Mulher à toa.

A prostituição é conhecida como a profissão mais antiga do mundo, presente até em mitologias e na bíblia. As sociedades de todo o mundo pensaram em

maneiras de coibir a prostituição. Tortura, cadeia, código moral. Então cabe uma pergunta: por que ainda ela persiste? Ela se adapta às sociedades em que estão inseridas. Essa característica a torna uma fonte interessante para analisar as peculiaridades de nossa cidade. A prostituição se torna mais intensa em épocas de transição evolutiva, quando uma região passa por um rápido aumento populacional, urbano e migratório.

Mulher da Vida, minha irmã. Pisadas, espezinhadas, ameaçadas. Desprotegidas e exploradas. Ignoradas da Lei, da Justiça e do Direito. Necessárias fisiologicamente. Indestrutíveis.

Em Valparaíso de Goiás as mulheres da vida ficam nas ruas expostas, desprotegidas. É notória sua presença, espaçadas nas esquinas que margeiam a rodovia BR 040. Desde 2003, tenta-se tramitar no congresso a PL 4211/2012 que tem como proposta reduzir os riscos que os profissionais do sexo enfrentam em suas atividades. Projeto de lei que enfrenta uma forte oposição. Mesmo havendo a negação de seus direitos e de seu amor-próprio enquanto pessoa, essa mulher tem se tornado indestrutível pelo fato de conseguir sobreviver em meio às adversidades. A prostituição não é reconhecida como emprego, no Brasil. Então, de fato, e inclusive por não haver regulamentação, a pessoa em situação de prostituição não tem direitos trabalhistas.

Sobreviventes. Possuídas e infamadas sempre por aqueles que um dia as lançaram na vida. Marcadas. Contaminadas, escorchadas. Discriminadas. Nenhum estatuto ou norma as protege. Sobrevivem como erva cativa dos caminhos, pisadas, maltratadas e renascidas. Flor sombria, sementeira espinhal gerada nos viveiros da miséria, da pobreza e do abandono, enraizada em todos os quadrantes da Terra.

Algumas mulheres da vida não entraram por esse caminho por livre escolha, a falta de oportunidade marca a sua história de vida. Esses dados foram apresentados no programa “A Liga”, em 2010, e deixam evidente que é uma questão social: 87% da prostituição acontece NA RUA e 90% das pessoas que trabalham com prostituição queriam ter outro trabalho.

Um dia, numa cidade longínqua, essa mulher corria perseguida pelos homens que a tinham maculado. Aflita, ouvindo o tropel dos perseguidores e o sibilo das pedras, ela encontrou-se com a Justiça. A Justiça estendeu sua destra poderosa e lançou o repto milenar: “Aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra”. As pedras caíram e os cobradores deram as costas. O Justo falou então a palavra de equidade: “Ninguém te condenou, mulher... nem eu te condeno”. A Justiça pesou a falta pelo peso do sacrifício e este excedeu àquela.

O apedrejamento pode ser uma das mais antigas formas de execução no mundo e certamente está entre as mais bárbaras. As pedras jogadas nas injustiçadas Genis. As pedras que caíram diante da frase: Aquele que estiver sem pecado que atire a primeira pedra. Elas deram nome a um estabelecimento de prostituição histórico aqui em Valparaíso de Goiás: Casa das Pedras.

Vilipendiada, esmagada. Possuída e enxovalhada, ela é a muralha que há milênios detém as urgências brutais do homem, para que na sociedade possam coexistir a inocência, a castidade e a virtude. Na fragilidade de sua carne maculada esbarra a exigência impiedosa do macho. Sem cobertura de leis e sem proteção legal, ela atravessa a vida ultrajada e imprescindível, pisoteada, explorada, nem a sociedade a dispensa nem lhe reconhece direitos, tampouco lhe dá proteção. E quem já alcançou o ideal dessa mulher, que um homem a tome pela mão, a levante, e diga: minha companheira.

Cora Coralina escreve de forma explícita a relação intrincada entre duas aparentes distantes instituições humanas. Para satisfazer a sua natureza polígama, o homem engendrou as prostitutas. As mulheres da zona são sedimentos do casamento. O homem como detentor do dinheiro, do poder, da educação e da liberdade, preso a uma relação monogâmica em nome da castidade e virtude, inventaram as prostitutas. Diante desse dualismo, a única forma das mulheres perdidas se redimirem diante da sociedade é alcançar a dignidade de ser uma esposa.

Mulher da vida, minha irmã. No fim dos tempos. No dia da grande Justiça do Grande Juiz. Serás remida e lavada de toda condenação. E o juiz da Grande Justiça a vestirá de branco em novo batismo de purificação. Limpará as máculas de sua vida humilhada e sacrificada para que a Família Humana possa subsistir para sempre, estrutura sólida e indestrutível da sociedade, de todos os povos, de todos os tempos. Mulher da vida, minha irmã. Declarou-lhes Jesus: Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no Reino de Deus.

Mas se tudo é também perspectiva, além das margens a
cada lado, existe um que, de tão à terceira margem,
acaba esquecido.

Não por nós.

Somos também a terceira margem do rio.

Somos também seus excluídos.

Ouçá o seu som.

Leia sua voz.



Foto: César Ferreira

Desventuras de Gauche

Dry Neres

"Quando eu nasci um anjo torto/ desses que vivem na sombra/ disse: Vai Carlos! Ser gauche na vida." (Carlos Drummond de Andrade, "Poema de sete faces")

No meio do caminho entre Brasília e Luziânia, num clarão de terra vermelha rodeada de cerrado foi construído, no ano de 1978, um Núcleo Habitacional: 864 casas lindas, quase mágicas, no meio da paisagem verde amarelada da paisagem. A história precisa remontar o atendimento aos invisíveis sociais: os moradores em situação de rua e o assistencialismo social. Nesta época, o Núcleo Habitacional contava somente com uma escola estadual municipal e o prédio da Administração Regional. O Núcleo foi construído pela empresa Encol e começou com muitos problemas; não havia comércio, a falta de água era frequente e só havia transporte coletivo na BR-040.

Com pouco mais de vinte famílias, a Etapa A do Valparaíso I já contava com ações que objetivavam minimizar os efeitos nocivos de uma vida sem teto. No dia 19 de abril de 1979, o Núcleo Habitacional Valparaíso foi inaugurado, sendo nomeado seu primeiro administrador regional, o luzianiense Clóvis José Rizzo Esselin de Oliveira Almeida. Valparaíso, até o dia 18 de julho de 1995, era um Distrito de Luziânia. Após ser emancipado em 1995, através de Plebiscito, foi elevado à categoria de município com a denominação de Valparaíso de Goiás, pela Lei Estadual nº 12.667, de 18 de julho de 1995, se desmembrando de Luziânia.

A política pública de assistência social de Valparaíso sempre trabalhou por meio de parcerias. Ainda pertencendo à cidade mãe, Luziânia, e perpassando os governos de Walter Rodrigues e Zequinha Roriz, Rosângela Marí Sanchez e Waldir Ganesini desempenharam inúmeros projetos e ações sociais. Enquanto Diretora da Escola Municipal Céu Azul e, posteriormente, na Escola IB, Rosângela promoveu a

contação de histórias, tanto presencialmente quanto por intermédio da Rádio Tropical, atualmente Supra FM, com um Programa de Auditório que permitia a audição de sonhos e fantasias que o mundo da leitura proporciona. Posteriormente, atuando na Promoção Social de Luziânia juntamente com a então Secretária Maria Augusta, a Assistência Social oferecia cursos para a comunidade, com vistas à melhora na renda das famílias, bem como destinava cestas básicas para aquelas carentes, realizava o cadastramento de entidades e associações de moradores e reuniões mensais para direcionamento dos trabalhos, e disponibilizava cartelas com tickets para retirada em padarias locais de pão e leite (inclusive para moradores em situação de rua, sem registro de endereço fixo). Cumpre esclarecer que todo o trabalho assistencial era realizado com intermédio das Associações de Moradores e Entidades Filantrópicas, devidamente cadastradas na Secretaria.

Rosângela Sanchez organizou e desenvolveu o Projeto Horta Escolar, no período em que foi Diretora, onde as crianças plantavam os alimentos e podiam levar a colheita para casa, sendo as famílias locais beneficiadas com verduras plantadas e colhidas pelos próprios estudantes.

Ademais, as Associações de Moradores realizavam bazares de roupas e calçados, mensalmente, nas Sedes das Entidades com preços simbólicos. Disponibilizavam, ainda, cursos para as mães gestantes com acompanhamento do período da gestação e doavam, ao final, kits enxoval com banheiras para os bebês, confeccionados pelas próprias mães que sabiam costurar. Outrossim, eram realizadas festas natalinas e apresentações artísticas nas dependências do Restaurante Gurgel no Valparaíso II, com o intuito de disponibilizar para as famílias carentes o aconchego e o afago com a presença do Papai Noel. Elas recebiam ceias natalinas e brinquedos com o patrocínio do comércio local. As pessoas andantes pelas ruas do município desfrutavam desse momento de doação e entrega da comunidade; um momento ímpar e inesquecível na vida das famílias valparaenses. Os eventos eram realizados por meio do Grupo Corpo e Alma, Academia Ninja e

Jornal O Despertar. Os eventos se convertiam em dias de festa e confraternização que sempre terminavam com um delicioso lanche comunitário.

O recurso disponibilizado para as ações se dava como resultado da parceria do governo do Estado e da Prefeitura, não sendo repassado em espécie, mas em forma de materiais para a realização das ações. A Pasta, portanto, não dispunha de orçamento para as tratativas. O tempo passou e Valparaíso transformou-se em mais um município goiano. Em 1988, na primeira administração municipal da cidade de Valparaíso, no Governo José Valdecio, Waldir Ganesini integrou como Secretário a Pasta da Assistência Social.

Neste período, eram realizadas gincanas para os jovens com o patrocínio do comércio local, em especial do Café Luziânia, na pessoa de Murilo Roriz, onde as crianças e adolescentes recebiam presentes e participavam de ações que envolviam toda a comunidade local na praça da Etapa A. Tia Creuza Goes, proprietária da Academia Ninja, foi uma das grandes idealizadoras e incentivadoras do projeto que movimentou o município e promovia a recreação e integração da comunidade, inclusive com os moradores em situação de rua. As gincanas também tinham cunho educativo e assistencialista.

Em 1990, nasce o Jornal O Despertar e, com ele, a notícia na palma das mãos. A presença da imprensa torna pública a movimentação local e a informação passa a ser propagada com responsabilidade e segurança, por meio de uma fonte confiável e interativa. Neste período, dois eventos movimentavam a cidade: a Garota Valparaíso e a Miss Valparaíso. Os eventos da praça reuniam os moradores e os “andantes” também participavam, ainda que como espectadores; o Grupo Corpo e Alma realizava a ação juntamente com o apoio e divulgação do Jornal O Despertar.

Algumas figuras folclóricas foram marcantes para o pequeno Núcleo Habitacional; ainda que sem residência fixa, teimavam em resistir e existir. Eles andam para lá e para cá, na esperança de serem enxergados e não apenas vistos. Uns pediam pão, outros café; outros, um trago de cigarro e um gole de pinga. Cada um, em sua especificidade, sabia onde a fome apertava. Alguns, na rua, por

fatalidade do destino; outros, gostavam de perambular e, após, encontravam suas residências fixas. Caminhantes, andantes, dê-lhes o nome que desejar. O que importa saber é que são invisíveis sociais sem armas, senão seus corpos sujos, camisetas amassadas e voz trêmula a entoar: “dá uma ajudinha aí, irmão”.

É o caso do Carlos, o Gauche de Valparaíso. Gauche, sujeito inseguro, quase que canhestro e inabilidoso na experiência do viver. Se pedia um café puro e alguém lhe oferecesse café com leite, seguramente recusava; se pedia pão com manteiga e no meio deste encontrasse uma fatia de queijo, seguramente recusava; no geral, queria café, bem puro e forte. Algumas vezes, quem sabe, se não me falha a memória, uma dose de pinga. Cheiroso? Creio que não. Cabelos penteados? Creio que não. Angústias na ponta da alma e do cansaço? Provavelmente, sim. Culto, inteligente e vítima de uma tragédia. Carlos perdeu sua esposa de forma trágica e escolheu a rua como lar de quem precisa ter a liberdade de ser Gauche - invisível de si mesmo. Seus silêncios o torturavam. Então, buscava na multidão um Carlos que nem mesmo ele conhecia. Um Carlos sem nome, sem documento e sem endereço; mas com o peito ferido. No governo Sarmento, entre 2002 e 2003, o gauche valparaisense, herói de si mesmo, foi internado vítima de alcoolismo, na Clínica de Recuperação Padre Adonias em Luziânia.

Você talvez seja um Leitor Gauche e esteja se perguntando: Por que a história começou pelo final? Esta é a parte mais bonita. Deixo aqui o direito de continuar a leitura ou não. Mas, se decidir ficar, estará fadado a ser empático e mais humano. Isto lhe parece suportável?

Carlos, antes de habitar as ruas valparaisenses, percorreu o caminho entre o útero e um sopro de vida. Sim, já foi um bebê. Já sorriu, se lamentou. Ensaiou os primeiros passos e foi ninado por alguém; projetou sonhos, andou de skate, ouviu Legião, amou. Tomou banho, inúmeros banhos, era cheiroso. Alimentava-se bem, tinha um emprego comum. Leu livros, percorreu léguas entre uma linha e outra. Carlos tinha RG, CPF e título de eleitor. Era gente! Cotidianamente, se dirigia à padaria para comprar pão, queijo e jornal. Já se divertiu na pracinha e namorou

muito. Existia ali cidadania. Sabia até soletrar: ci-da-da-ni-a. Carlos era Mestre. A Academia já conheceu seus Artigos. Depois de um tempo, qual Artigo da Constituição lhe abraçara? Ah, os não escritos!

Ele conheceu a Dalila, sua esposa, lá em Luziânia, perto da Igreja Matriz. Tomavam sempre aquele suco de laranja refrescante, com muito gelo e açúcar, lá no Bar do Décio. Suas mãos percorriam a distância do coração. Estavam entrelaçados. O amor já habitava a mesma rua. Desejava dividir o mesmo travesseiro. Carlos amou. Carlos tinha um coração. Carlos era gente mesmo! Trabalhavam, estudavam, compravam o velho e bom pão com queijo na padaria. Eram gente! Com CPF e tudo. Existiam. Eram vistos. Não parecia um Ensaio sobre a Cegueira. Nas ruas, ouviam “bom dia”, “boa noite” e as pessoas acenavam para o casal.

Os anos vindouros fizeram brindar o amor com mais um sopro de vida. A Cecília estava chegando. A ansiedade foi grande. Enxoval, casa nova, pintadinha. Carlos havia recebido uma promoção no emprego. O cenário estava perfeito. O cheiro de felicidade passeava pela revoada das cortinas. O cheiro de ci-da-da-ni-a era o “bom ar” da casa. No grande dia, as estrelas não apareceram no céu. No grande dia, o choro do sopro de vida deu espaço para o silêncio. Aliás, o único som que se podia ouvir era o do bipe da UTI. Cecília usava um colar em seu pescoço. Era o cordão umbilical. Dalila, como boa mãe que aprendeu a ser, resolveu partir junto. De mãos dadas, se despediram do Carlos. Ele gritou. Não foi ouvido. O primeiro capítulo da sua invisibilidade estava escrito. Ele pediu ajuda. Os céus mandaram chuva. Ele se molhou. Rasgou as roupas, a identidade; se fez outro.

O seu endereço agora era qualquer um. O pão não poderia ter queijo. Este era um rito com a Dalila. O café lhe parecia bom se fosse amargo. O perfume que gostava de usar se quebrou. Qual o cheiro da morte? Carlos nunca mais fora chamado assim. Quando se perde a cidadania, os outros nos nomeiam. Ele passou a ser chamado de Cheiroso. Poderia supor o motivo? A dignidade não lhe batia à porta. Quem não tem casa toma banho onde? Quem perde os amores da vida precisa mesmo de banho ou somente do ardor da putrefação em vida?

Carlos, eu prefiro te chamar assim... Suas desventuras também são minhas. Quando alguém se perde na sociedade, todos nós deixamos de ser humanos. Ensaíamos apenas frases clichês para dizer. Carlos, nos perdoe. Perdoe também a minha falta de habilidade para contar sua história. De alguma forma, você não é mais invisível e a escrita te tornou, agora, Imortal!

** Este texto tem um pouco de ficção, confesso. Mas a realidade sombria das ruas não pode ser traduzida. Seria forte demais para mim e para você. Resolvi nos poupar disso. Afinal, após a leitura iremos dormir em nossas camas quentes, comer nossos pães com queijo e assistir ao BBB. A dor do outro só dói em mim, quando passa a ser minha. Até lá, restam apenas interjeições e eufemismos! Até lá, não sabemos o significado da palavra invisibilidade, ainda que o dicionário nos apresente.*

Gratidão à Rosângela Sefrin Sanches, do Jornal O Despertar, pioneira de Valparaíso de Goiás, pelo direcionamento para o desenho desse texto.

Contudo, as alegrias crescem e se multiplicam. O sol daqui também mostra sua capacidade de brilhar. E quando isso acontece, mostram-se as nossas pequenas felicidades certas. É a nossa arte de ser feliz.

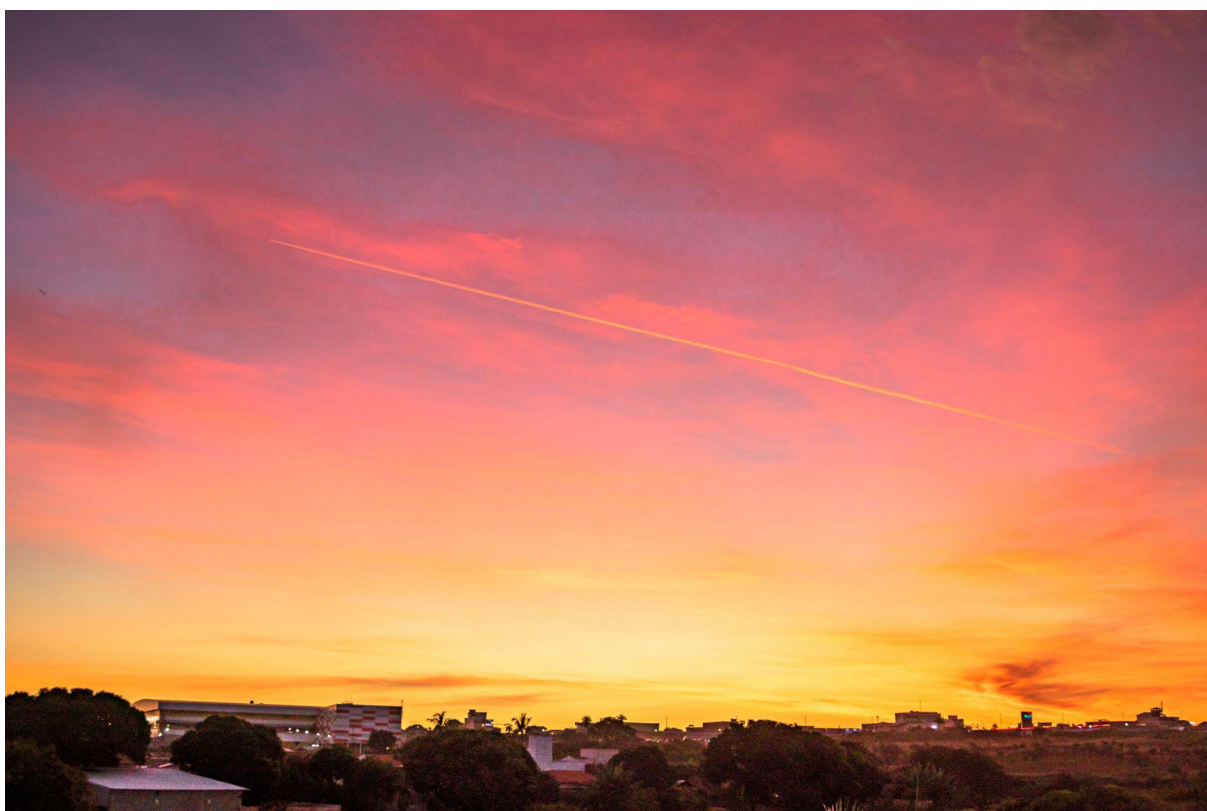


Foto: César Ferreira

As pequenas felicidades certas...

Solange Ribeiro

Parafraseando o conto “A arte de ser feliz” de Cecília Meirelles

Ah... como ainda me lembro, eu ainda era criança, quando minha janela dava para uma rua de frente a uma escola, numa certa rua, em 1982, no bairro chamado Valparaíso II. Por essa rua, passava todos os dias uma mulher em sua bicicleta, na garupa duas meninas pequenas, uma na cadeirinha acoplada à bicicleta, e a outra próximo ao guidão.

A mulher fazia um grande esforço para pedalar e conseguir carregar as meninas, e chegar ao seu destino, à escola. Ela equilibrava todas as bolsas e as crianças com muito zelo e atenção. Com carinho ajeitava os cabelos das pequenas, elas enfeitadas com laços de fita no estilo Maria Chiquinha. Tão logo aproximavam-se da escola, um homem, provavelmente o “guardinha” da escola, ia acolhê-las, estendendo a mão, e ajudando a descer as crianças da bicicleta. Aquela cena era uma expressão de tanta doçura, aqueles pequenos gestos de gentileza e cuidado eram tão puros que essa singela lembrança me faz, até hoje, acordar me sentindo completamente feliz.

Houve um tempo, ainda na minha infância, em que eu acordava, sem ver direito que horas eram, e corria para a rua esperando encontrar os colegas da quadra, que na noite anterior estavam comigo até tarde da noite. Conversávamos sentados no meio fio. As conversas eram sobre tantos assuntos; aquelas sobre os vizinhos eram as mais divertidas. Cada um deles carregava uma lembrança, uns que se foram, que faleceram e mal nos dávamos conta como a vida sem eles ia acontecendo e deixando de acontecer ao nosso redor. Como tudo ia mudando, muito vagarosamente, como era estranho não nos encontrarmos com eles nas esquinas, ou fofocando com nossos pais sobre o vidro que quebramos, sem querer, é claro.

Outros personagens da rua continuavam ali, passando por nós, voltando do trabalho, exaustos, rangendo os dentes e olhares cabisbaixos, saindo da rodoviária do Plano Piloto de Brasília, chegando para dormir, na nossa então conhecida “cidade dormitório”. Madrugada já era hora deles voltarem para o trabalho, atravessarem a passarela amarela e esperarem o ônibus debaixo daquela parada de cimento seco, assim como a vida, que tratava de passar.

Algumas vezes, madrugada solitária, outras vezes, parada lotada. Muitos vizinhos se mudaram, se foram. Às vezes, nem percebíamos o tempo nos levar. Nesse devaneio nostálgico lembro-me ainda das mães logo chamando para dentro de casa. Era tarde, o sereno da noite, o cheiro da terra molhada, as boas risadas, os ombros amigos onde encostávamos nossas cabeças cheias de idéias e das

canseiras que era pensar no futuro. Das aflições de ser jovem nesta rua... Neste bairro... Nesta cidade... Relembrar tudo isso, ainda que essa nostalgia hoje me cubra os olhos de lágrimas, também me faz sentir completamente feliz.

“Quando a noite cair fica à janela, contempla o infinito firmamento. Vê que planícies, flutuantes e belas! Vê que deslumbramento!”

Olavo Bilac

Ah! Quando ainda abro minha janela, eu já não era mais criança. Quando avistava uma comunidade toda em festa, em volta de um orelhão, o telefone público do bairro Pacaembu. Lembro-me da satisfação expressa na feição de cada família que esperava, por semanas, uma ligação marcada para o orelhão do bairro. Uma ligação esperada com muita ansiedade pela família contemplada naquele dia, quase sempre com horário marcado antecipadamente. Pessoas, familiares, casais, pais de família, mães de família que tinham seus filhos longe, criados muitas vezes pelos avós ou parentes próximos. Muitos deles há tanto tempo sem contato, sem notícias de seus entes queridos. Queriam saber se as crianças iam bem na escola, se a vizinha continuava a fazer intrigas, se havia novidades sobre os parentes, sobre quem casou, separou, faleceu ou mesmo engravidou.

Tenho a recordação de ouvir essas histórias, bem de longe, porque também seguiam nos comentários pelas ruas. As risadas eram fortes, altas, suas falas no orelhão carregadas de alegria, entusiasmos. Sentimentos tão expressivos, muitas vezes de raiva e tristeza pelas notícias que recebiam, eram expressões impossíveis de não serem notadas, mesmo à distância. E, o bonito, ainda me lembro, foi a inauguração desse referido orelhão. Havia sido o acontecimento do ano! O único orelhão da redondeza, em um lugar quase escondido, bem distante do centro da cidade. E como chegavam mais e mais pessoas para essa comemoração! Mais e mais famílias se juntavam para celebrar o acontecimento. Uma mesa posta, numa rua de chão batido, terra vermelha, e sobre ela foram chegando bandejas e bandejas de comida e, o mais esperado, um leitão assado. Ah! O cheiro que exalava remete às festas do interior, comida boa, gente feliz. E o orelhão, muitas vezes o único elo com o mundo, que ali, parecia tão distante. O festejo, as boas risadas, o cheiro, todo aquele banquete, a tal felicidade certa vista da minha janela.

Ah! Como ainda me lembro dos sonhos que eu carregava, quando ainda vejo um novelo de algodão e lembro-me com uma imensa emoção da imagem da minha janela. A imaginação me estende até uma outra rua onde eu morava, na cidade que há pouco se tinha emancipado, o bairro recebia o nome da cidade, Valparaíso I, e começava a criar sua própria identidade. Naquela época é que começavam a se abrir lojas, mercados, tudo muito simples, pequeno. Porém, era esse pequeno

comércio que ia dando cara de cidade. E eu observava essa cidade crescer e as pequenas coisas que a tornavam acolhedora. A lembrança que eu tinha olhando da minha janela, pela manhã, logo ao raiar do sol, era como a imagem do quadro “Impressão”, de Monet, que refletia nos meus olhos sua imagem, como um esboço tão doce de uma paisagem. Essa era a visão de frente a minha casa. Uma senhora que sentava em sua cadeira de balanço, na sua varanda, e, em suas mãos, um novelo de algodão, que carregava consigo sempre para aquele mesmo lugar, em cada manhã. Suas mãos, enrugadas pelo tempo, e o semblante de pureza retratavam a beleza de sua alma. Mesmo ao longe, percebiam-se seus gestos delicados, desenrolando o novelo de algodão.

Enquanto isso, beija-flores, sabiás e tantos outros passarinhos passeavam e dançavam entre as plantas e árvores, plantadas em seu quintal, buscando sementinhas caídas no chão, no piso frio e cinza de sua calçada. Enquanto isso aquela senhora entoava suas cantorias com graça e poesia, provavelmente de raízes goianas, de sua vida vivida no campo. E se juntavam a essa senhora outras senhoras. Chegava uma, depois outra. E elas teciam juntas várias histórias, memórias. Juntavam suas lutas, superações para chegar até aquela cidade em construção. Perpetuavam juntas a beleza da simplicidade de viver em comunidade.

E quando, ainda me lembro, dessas imagens refletidas em minha alma, penso no quão valem cada fio de memória que temos e me encarrego de transformar essas lembranças nesse novelo de algodão, como que no anseio de reavivar as lembranças, que muitas vezes se perdem pelo tempo. E, um fio atrás do outro, uma história atrás da outra, vão se interligando, se complementando, formando um só novelo, uma só história. Assim como, daquelas senhoras que desenrolavam seus fios da vida. Juntas. E, sem saber, construíam a história de uma cidade, deixavam um legado, criavam com ousadia seus filhos para serem mais que moradores, e sim, para serem uma comunidade viva de força. Esse sentimento, até hoje, me faz sentir completamente feliz.

Houve um tempo quando minha janela se abria para uma rua, em que as casas eram, praticamente, todas iguais. Resplandeciam vida por si só. Suas janelas, portas, vidraças e telhados todas no mesmo formato. Construídas para serem assim, como se quisessem um senso de equidade entre elas, tivessem um elo de igualdade, de justiça. Impressionantemente, elas retratavam ali as idealizações de tantas pessoas, vindas de tantos lugares, trazendo todas consigo uma esperança de um futuro melhor e próspero para sua prole, para os seus familiares.

Muitas dessas pessoas, se não me falha a memória, se encontravam de vez em quando debaixo da sombra de um abacateiro, em alguns finais de tarde, onde aguardavam um carro chegar de Brasília, lá do CEASA, com caixotes de frutas e

verduras. Traziam de casa banquinhos, ou mesmo improvisavam alguns com tijolos retirados de um canto qualquer, ou ainda com latas de tinta que tinham por ali. Ficavam proseando, conversando. Na cidade, até então quase não se encontravam essas “iguarias”, frutas e verduras. Por isso, se reuniam, para que quem tivesse carro buscasse e pudessem compartilhar por cotas e divisão de valores os produtos adquiridos na outra cidade. Quando o carro então chegava, estacionava. Todos, com suas sacolas, já se organizavam para a divisão justa dos produtos. Cada um pegava sua parte, seu banquinho, se o tivesse levado, e caminhava para sua casa, satisfeito com o mantimento adquirido. Era algo tão simples do cotidiano daquelas pessoas, algo corriqueiro e natural. Porém, tão importante para suas famílias. E eu, há pouco tempo residindo ali, contemplava cada momento que ali se vivia, nessa busca do sustento cotidiano, e essa contemplação tornava meus dias completamente felizes.

E lembro-me, ainda, quando minha janela se abria para uma banca de revistas, bem na área central da cidade, e assim recebia o nome de Banca Central, próximo à única praça que ali tinha, na então etapa A. Também havia um correio bem ali... E uns bancos, que há pouco tempo haviam se instalado. Por lá passavam, quase sempre, as mesmas pessoas que paravam para comprar seu jornal logo pela manhã. As crianças atrás de suas revistas em quadrinhos e muitos outros de suas revistas ou palavras cruzadas preferidas. Um dia, notavelmente diferente dos horários que eu costumava tomar meu chá em frente à janela da minha sala, avistei uma mulher que se aproximava da banca e transparecia muita ansiedade. Apertava as mãos trêmulas entre si, passava-as sobre os cabelos, de um lado para o outro. Demonstrava tanta tensão, expectativa. Intriga-me até hoje, qual seria a motivação de estar ali tão tensa. Quais desejos carregava consigo? Qual expectativa lhe deixava tão ansiosa?

“Quando o sol bater na janela do teu quarto, lembra e vê que o caminho é um só...”

Legião Urbana

Com vários questionamentos, lembro-me desse momento, dessa imagem. Cada passo que a mulher dava era como se encontrasse uma força exterior, que a empurrava para receber a notícia, que muito provavelmente seria decisiva em sua vida. Assim eu imaginava que seria. Quando já bem próximo da banca, ela retirou um dinheiro do bolso, e com tamanho nervosismo deixou-o cair. Tão logo o pegou, entregou à moça da banca, que lhe entregou um jornal. Ao sair de lá, a mulher ainda abraçou o jornal, respirou fundo e o abriu, rapidamente. Foi passando o dedo entre as linhas dos textos. Seus gestos e seu semblante, a partir daquele momento, começaram a mudar: parecia que ela encontrava o que tanto almejava. Um sorriso solto e um brilho no olhar, até então que não tinham aparecido, surgiram. Mais que

isso, por seu rosto parecia que desciam lágrimas. Ela se demonstrava emocionada, feliz. E, então, ela abraçou o jornal, fortemente, e seguiu seu caminho. Parecia flutuar de tão leve que caminhava. Ainda me pergunto qual seria o motivo de tanta felicidade que por aquela cidade ela deixava o rastro. No entanto, mesmo sem saber o motivo de tanta alegria, essa lembrança, tão somente ela assim, em sua simplicidade, me faz sentir completamente feliz.

Houve um tempo em que minha família passava por dificuldades financeiras e mudamos de casa, para outro bairro. E, perfeitamente, a lembrança que vem à minha mente é que, diante da minha janela, quase ainda de madrugada, nos dias pelos quais se estendia a semana, observava o lixão que tinha naquele bairro. Ele era distante da cidade e recebia o nome de Pacaembu. Quando muitos ainda dormiam, eu avistava de longe uma mulher por ali. Ela, que pelas características exímias transparecia ser uma professora, carregava livros e uma sacola, com diversos apetrechos identificáveis dessa profissão. A professora tinha um sorriso largo, era negra e levava os cabelos trançados no ombro. Todos os dias ela esperava na calçada, próximo a uma garagem de ônibus, um carroceiro passar. Vagamente me lembro, mas creio que nas estacas de madeira da carroça tinham os dizeres: Carroça do Seu Arlindo.

Tão logo a carroça aproximava-se, a mulher subia com cuidado, auxiliada pelo carroceiro, e, provavelmente, por sua mulher. E com eles ia também uma criança, vestida com roupinhas simples, mas bem aquecida. Todos carregavam uma expressão no rosto de quem sabia que teria um longo dia pela frente, de muita labuta, mas ainda sim, carregavam também semblante de esperança, a crença das pequenas e grandes alegrias da vida. O ambiente ao redor daquela imagem do carroceiro e da professora era uma imagem forte, de extrema pobreza e desalento. Também um cheiro muito forte exalava e preocupava, impressionantemente, por causa das montanhas de lixo acumulados, de tempos em tempos naquele local. As casas que ali tinham sido construídas, eram de tábuas pregadas umas às outras, com lonas pretas em cima, no chão batido, expressão de total abandono da sociedade.

Mesmo nessa situação, havia uma força sobre-humana que emanava dos olhos daquelas pessoas, naquele lugar. Lá eles seguiram, na carroça, nas ruas cheias de cascalho, na qual, com muito afinco, o cavalo esforçava-se para firmar e continuar o caminho. E eu olhava o caminho, olhava a expressão de força daquelas pessoas, olhava a carroça e me sentia imersa, assim como eles, numa terna felicidade.

“Quando abro a cada manhã a janela do meu quarto é como se abrisse o mesmo livro numa página nova”

Mário Quintana

Lembro-me, ainda, já em outra moradia, de quando olhava pela minha janela e avistava casas simples, que ficavam às margens do córrego Santa Maria do DF, próximo à Vila Guáira. Acomete-me, com ímpeto, a imagem de um grupo de meninos que desciam por uma escadaria improvisada, de tábuas e cimento. Acompanhavam-nos um grupo de mulheres, que carregavam bacias de roupas sujas em seus ombros ou na cabeça para lavarem no córrego. Todos pareciam crianças indo felizes para o parquinho. Conversavam alto, brincavam entre si, esbarravam-se em brincadeiras diversas. Nas frases que as mulheres diziam, sempre se ouvia “Cuidado, menino!”. E lá se iam seguindo e desfrutando o caminho. Aparentava ser íngreme a estrada, bem difícil. No entanto, isso não parecia importar-lhes.

Muitas vezes, também avistava esses mesmos meninos, sempre em grupo, subindo para a BR, na DF 020, com suas mochilas, que pareciam muito pesadas. Despertavam-me a atenção os sacos plásticos que colocavam em volta de seus tênis e logo, aproximando-se da parada de ônibus, retiravam-nos e seguiam o seu destino.

E os avistava, novamente, quando voltavam da escola. Na fisionomia deles, contentamento e cansaço se misturavam. Eram jovens que expressavam muita energia, vontade de lutar por uma vida melhor, menos dura. Seguiam todos para suas casas e reapareciam fantasiados de vários personagens e com muita folia pelas ruas do bairro Céu Azul. E, às vezes, ali na rua mesmo ou no salão comunitário do bairro, realizavam apresentações culturais, teatros improvisados ou ensaiados. E muitos da comunidade já os esperavam, crianças, e também idosos para apreciarem tanta jovialidade e alegria de viver.

As lembranças que tenho dessas impetuosidades, da vontade imensa de descobrir o mundo, da não percepção de medo no semblante daqueles jovens, a vontade de vivenciar a vida com toda sua intensidade... Quando me lembro de tanta alegria, mesmo com tantas dificuldades que figuravam em suas vidas, ah! Quando me lembro das histórias dos vizinhos, da senhora que seguia na bicicleta com suas crianças, do orelhão, do novelo de algodão, da sombra do abacateiro, do carroceiro, da professora, da mulher na banca de revista, todas essas histórias vistas da minha janela revigoram as minhas forças e me fazem sentir em paz e humana, porque aprendi a olhar todas essas coisas e não somente vê-las, para que pudesse me sentir assim, completamente feliz.

“Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor. Outras vezes encontro nuvens espessas. Avisto crianças que vão para a escola. Pardais que pulam o muro. Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais. Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar. Marimbondos que sempre me parecem personagens de Lope de Vega. Às vezes, um galo canta. Às vezes, um avião passa. Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino. E eu me sinto, completamente, feliz.”

Cecília Meirelles

Gratidão aos queridos Juarez, Alice, Elenir, Celiana e Carmem Lúcia, que deram luz a esse texto.

De cada alegria, nasce também, nessa cidade, o
sonhar. As vidas se cruzam e se unem. E como é bom
compartilhar e te ver crescer. Cresça comigo nesta nova
jornada.



Foto: César Ferreira

Vidas Cruzadas

Débora Iglesias

No princípio, Valparaíso era assim...

Era 1978, o sol estava alto no céu quando o jovem casal se aproximou da casinha no início da rua.

- É aqui!

Nelson era um rapaz bonito, lindos olhos cor de mel, alto e esguio. O sorriso iluminava o rosto dele e o sol fazia seus olhos se fecharem um pouco. Recém-casado, olhava agora para sua jovem esposa esperando a reação dela. Ela suspirou e sorriu.

- Vamos fazer dar certo!

O sorriso do rapaz vacilou apenas por um segundo. Mas ele pegou a chave, abriu o portãozinho e entrou no lote. A casa era igual às outras 863 casinhas daquele bairro. Era chamado de Núcleo habitacional Valparaíso I e, além das 864 casinhas populares, havia uma escola estadual e um prédio da administração local.

O bairro tinha sido planejado e construído por uma empresa chamada Encol, pois a capital do país, Brasília, a cidade de concreto, instituída desde 1960, tinha necessidade de muitos trabalhadores que não tinham condições de morar na capital. É lei do cão! Então, no início, foram criando as cidades satélite, que ficavam no território do Distrito Federal, mas não eram parte do Plano Piloto, de Niemeyer. Com o tempo, tudo foi ficando mais e mais caro; então, iam para o que viria a ser conhecido como Entorno. Mas a cidade mais próxima de Brasília, nesse entorno do

lado sul, direção Rio de Janeiro, era Luziânia, que ficava a cerca de 58 km de distância. O transporte público era um horror naquela época. Não que hoje em dia seja muito diferente...

Então, surgiu a ideia de construir um bairro mais próximo da capital. Luziânia era enorme, mas, tirando o centro histórico, o resto era só mato, zona rural, fazendas de gado, milho e soja. Mas fazia fronteira com o território do Distrito Federal e essa fronteira ficava a menos de 30 km de distância do tal Plano Piloto. Então, assim nasceu Valparaíso de Goiás, naquela época escrito com Z e apenas, como eu disse, um bairro da Grande Luziânia.

O arquiteto Cesar Barney, natural da cidade de Cali, na Colômbia, foi o responsável pelo projeto de arquitetura da primeira etapa de construção do núcleo habitacional. Ele era da equipe de Niemeyer, na construção de Brasília. Em uma intenção confusa de fazer menção ao arquiteto, batizaram o projeto de Valparaíso, para lembrar Valparaíso no Chile... É, não perguntem, mas creio que as pesquisas eram mais complicadas naquela época. Para diferenciar, escreveram com Z. (Cabia um dar de ombros aqui).

Os primeiros do Val eram pessoas que trabalhavam em Brasília e moravam em Luziânia ou, como Nelson, jovens começando uma vida na região promissora. Ele era carioca, mas tinha vindo para Brasília ainda pequeno, com a mãe e os irmãos, que ainda moravam todos na capital. Ele tinha escolhido ser proprietário da sua casa, então, restou ir para o entorno, já que, em se tratando de DF, tudo era exorbitantemente caro.

Eles entraram e, no interior da casa, estava fresco. Um alívio para o sol impiedoso do Cerrado. Goiás fica no Planalto Central do Brasil, 1200 metros acima do nível do mar, e o local escolhido para plantar Valparaíso era um pedaço virgem de Cerrado, terra vermelha e árvores retorcidas, mas que tinha sua beleza ecológica. Um lugar complicado de se viver, com uma estação de seis meses de chuvas e outra de seis meses de seca. Era difícil para quem não era dali se adaptar

ao clima meio ingrato. Mesmo assim, a tendência era que a região crescesse em função de Brasília, que apesar de ter sido planejada, não era para qualquer um, caro, frio e sem muitas facilidades. Havia as cidades satélite, como eu disse, que eram como bairros circundantes de Brasília, mas igualmente caras e sem muito acesso. O Planalto Central lembra muito o clima desértico, baixa umidade, já que não conta com muitas fontes naturais de água e o clima não ajuda. Mesmo quando chove, é seco. Seco como os modos do povo e a vida das pessoas mais pobres. Quando chove dá um alívio, mas logo volta a secar.

Então, por esses e outros motivos, foi ali que Nelson escolheu morar. Ele trabalhava em Brasília, assim como a jovem esposa. E todos os dias se arrastavam para a BR 040 onde pegavam um ônibus para o Plano (Plano Piloto, centro de Brasília). Vale lembrar que, na época, a BR era uma pista de mão dupla, que não tinha nem um canteiro central pra dividi-la, cheia de buracos, sem iluminação nenhuma. Depois de escurecer era um negrume só. Valparaíso, aninhada naquelas paragens, era um mingüadinho de luzes amarelas e vacilantes.

Mas, no final do dia, morto, chegavam na casinha e os dias se seguiam. O primeiro ano passou rápido e muita gente veio morar no Núcleo. Agora, já passava a ser chamado de Val e tomava um jeitinho mais aconchegante.

Nelson não era um rapaz lá muito comportado. Volta e meia dava umas escapadas. A esposa passava alguns dias na casa da mãe que morava em Brasília, então lá ia ele dar uns rolês. E essa parte do Val, mais antiga que a cruz de Cristo em todos os lugares do mundo, era histórica...

Valparaíso, segundo se conta, na verdade, tinha começado n'outro canto, num lugar chamado hoje de Parque São Bernardo, pelos idos de 1959. Lá era parte da fazenda Urubus, mas tinham desmembrado para umas chácaras vendidas inicialmente para o povo de terreiro, que fazia por lá as roças de candomblé. Depois surgiram uns botecos copo sujo pra galera molhar a goela. Mas a estrela da região era a casa das "primas", que chamavam de Casa de Pedra, exatamente porque era

feita de pedra. O povo não era muito criativo. Os políticos e, diziam, até JK no início das obras de Brasília, tinham frequentado aquele antro de álcool, quengas e sabe-se Deus mais o quê. E era lá que Nelson ia acalmar seus demônios, no lugar onde muitos demônios o chamavam de meu chapa.

O garoto tinha um violão antigo que gostava de dedilhar. Nos dias que a esposinha ia para a casa da mãe, Nelsinho, como era conhecido, abraçava a viola e rumava pro São Bernardo. Fumaça de cigarro, cerveja quente, cachaça e outras distrações além das primas compunham o ambiente infernal. E lá, Nelsinho se sentava, cigarrinho no canto da boca, um copo de pinga na mesa e umas três canções saíam daquelas cordas cansadas.

Às vezes pegava uma das meninas para aliviar as tensões, outras só ficava lá, tocando umas modas e bebendo. Pelas altas horas da madrugada saía cambaleando e rumava para a casinha no Núcleo habitacional.

Num dia daqueles, depois de uma noitada braba, acordou ressaqueado e foi fazer um café. Da cozinha ouviu uns guris gritando e brincando. Saiu para o quintal que terminava num muro de um metro, baixinho. Depois do muro tinha um pedaço de cerrado e a linha de trem. Entre o muro e a linha estavam os garotos.

Nelson ficou olhando os meninos. Eles estavam com um pedaço de pau na mão e cutucavam alguma coisa. Eles davam uns gritinhos, Nelsinho não sabia se de medo ou alegria. Ele chegou mais perto do murinho e deu um grito.

- Hei, vocês! 'Tão fazendo o quê?

Os guris se assustaram com o grito e correram. Nelsinho colocou o copo de café no topo do murinho e, esticando as pernas longas, passou por cima do muro e foi ver o que os meninos estavam cutucando. Ele esperava achar um cachorro morto ou outro bicho, mas quando ele chegou e viu o bicho, a cor fugiu do seu rosto. Ele deu uns passos para trás. Era um homem. Morto. Tinha sangue para todo lado.

Nelsinho voltou de ré até o muro com a mão segurando a boca. Trêmulo, ele entrou em casa e fechou os olhos tentando se acalmar. Valparaíso não tinha polícia, mal tinha água! Ele vestiu uma roupa e foi quase correndo na administração. Era sábado, mas tinha gente lá.

- Ele tá morto!

Foi o que ele disse quando entrou no predinho. O vigia levantou uma sobancelha sem entender. Achou logo que o rapaz estava bêbado.

- Quem, moço? Quem tá morto?

- Sei lá, moço! Um homem! Tá caído morto lá no fundo da minha casa, na linha de trem.

O homem, que era só um vigia, viu logo que o rapaz não estava mentindo. Levantou depressa e pegou o telefone. Os dedos tremiam, mas conseguiu ligar para o número que estava anotado como “emergência”. Atenderam logo.

- “Dotô”, tem um rapaz aqui dizendo que tem um homem morto lá perto da casa dele!

Ele escutou um pouco. Nelsinho sentou-se dando conta de que estava tremendo e ligeiramente tonto. A ressaca tinha passado com o susto. A visão do defunto, de olhos arregalados e uma expressão de surpresa nos olhos mortos, não saía na cabeça dele.

A confusão foi grande. Demorou mais de uma hora para chegar uma viatura da polícia civil. Quando o camburão do IML chegou já era noite. Nelson nem viu. Recolheram o corpo e levaram para Luziânia. Um dos vizinhos reconheceu o corpo. Era um cara que morava na primeira rua, casado, mas tinha um caso com uma outra mulher, casada também. Todo mundo falando que tinha sido o marido da tal amante. Mas ninguém achou o sujeito.

Nelson teve que ir para Luziânia prestar depoimento. Ficou o dia inteiro por lá. Quando voltou já era noite, já tinham, finalmente, removido o corpo. Ele entrou em casa e foi até o fundo do quintal. O copo ainda com café estava milagrosamente intacto, no murinho, assim como ele tinha deixado. Ele estava morto de cansado, com fome e sujo. Tomou um banho e teve a sorte de a água não acabar no meio, nem a luz! Arrumou o que comer, depois foi assistir TV. Acordou no sofá, todo dolorido. Era domingo e a esposa não tinha voltado.

Ele deu uma espreguiçada e foi fazer um café. Nem quis ir no quintal. Ia demorar para voltar a ir lá. Então foi dar uma caminhada. Saiu da casinha para uma rua de casinhas que já não eram tão iguais. Os vizinhos tinham começado a fazer modificações. As janelas já tinham mudado, alguns muros altos já tinham aparecido, as cores tinham chegado.

Nelson saiu da rua, sua casa era a primeira do lado direito de quem entrava ali. Ele olhou para a amplidão à sua frente. Parecia um canteiro de obras. Os moradores já faziam a sua personalização das casinhas, antes todas brancas e iguais. Agora já se via verde, azul, rosa e amarelo em diversos pontos. Ele andou pelas ruas sem saída. O bairro era feito para ser familiar, com ruas terminando em quadradões, muros baixos e janelas sem grade. Mas que família era essa? Em pouco mais de um ano já havia um crime grave e muitas grades nas janelas. Alguns comércios já se insinuavam nas casas de esquina, uma agência dos correios, um escritório de contabilidade, um posto telefônico e as pessoas já começavam a fazer o lugar ficar mais humanizado.

Nelsinho voltou para casa. Nessa altura, o casamento dele também não ia lá muito bem das pernas. Não foi surpresa quando a esposa disse que não ia voltar. Nelsinho ficou deprê uns dias, mas vida que segue. Era 1980, nova década começando, novos tempos, novas músicas. Elis Regina avisando aos marcianos que a Terra estava uma loucura, Moraes Moreira avisando que o Brasil estava descendo

a ladeira e o grupo de rock, Pink Floyd, criticava o sistema escolar com “Another brick in the wall”.

Ele ficou na casa, financiada e sem mudar nem a pintura. A casa era dele, tinha comprado antes de casar, então seguiu pagando as prestações e trabalhando em Brasília como quase todo mundo dali. Bebeu muita cachaça com as quengas da Casa de Pedras, teve um caso com uma mulher casada, chutou o pau da barraca. Os anos voaram.

Mas chegou o dia em que ele resolveu vender o ágio da casa para uma senhora conhecida por lá como vó Messias. Ela queria montar um colégio e já tinha comprado a casa ao lado, então fez a proposta e Nelsinho aceitou.

As poucas coisas que Nelson conservou couberam todas no velho corcel, comprado com parte da grana da casa. Ele bateu a tampa do porta mala e entrou no carro. Olhou pelo retrovisor a casa, o casamento e o homem morto finalmente e definitivamente ficando para trás. Ele deixou Valparaíso bem na hora que um caminhão trazia a mudança de uma família. Duas meninas louras na carroceria riam e davam tchauzinho aos poucos transeuntes que passavam na rua naquela hora. Nelson engatou a terceira e saiu sem olhar mais, pegou a BR 040, ainda sem duplicar, e voltou para Brasília. Era 1983.

Dona Norma e Seu Valmor Bezerra, na época ainda da ativa na Marinha brasileira, tinham sete filhos. A mais velha, Magda, já casada, ficou em Brasília. E com ela ficou Angela, por conta da faculdade ser mais perto. Com eles vieram Norminha e Virginia, as mocinhas louras que Nelson tinha visto no caminhão de mudança. Dos três meninos apenas Valmor Filho, o mais velho, estava no caminhão com as garotas.

Os outros dois, pequenos, Wagner e David, vinham no carro, um Opalão 78, do qual Seu Valmor tinha muito orgulho. As casas novas ficavam na Etapa B, a segunda parte daquele núcleo habitacional. Valparaíso já ganhava status de bairro, e já contava com uma agência dos correios e cerca de onze lojas compondo o

incipiente comércio local. E, para felicidade de Dona Norma, já havia o início da Igreja Católica, a Igreja de São Francisco de Assis.

Dona Norma era muito religiosa e logo fez amizade com a comunidade católica. A casa própria, fruto de um convênio da Marinha com a construtora local, era uma benção muito grande. Os sete filhos tinham agora um pouso seguro.

Aquela região era, antes de tudo, uma fazenda chamada Mandiocall e, do outro lado da BR 040, outra fazenda chamada Urubus, como falei antes, que também estava sendo desmembrada para formar o que seria em breve conhecido como Valparaíso II. Já as etapas do Valparaíso I seguiam o padrão da capital, Brasília, e tinha um planejamento. Mas quem disse que estavam conseguindo vender? Foi aí que as forças armadas realizaram convênios com a construtora e as casas planejadas das etapas foram sendo construídas e vendidas para os praças. E foi assim que Seu Valmor, marinheiro, conseguiu comprar a casa.

Já do outro lado, na Urubus, a poeira vermelha subia e as construções não tinham padrão. Lá no antro da boêmia, onde as primas gargalhavam toda noite, se formava uma comunidade mais pobre e bem de periferia. Os “bairros”, por assim dizer, já que nada era muito oficial do lado de lá, iam se formando, com nomes interessantes. Parque São Bernardo, o bairro boêmio, Morada Nobre, Jardim Oriente e Valparaíso II já começavam a ser desenhados. Mato, terra vermelha e poeira eram as marcas registradas do lado de lá. As pessoas do Val um, como já ficava conhecido, olhavam bem torto para o povo do Val dois. E ali, uma sociedade bem desigual ia se formando, como em qualquer outro lugar do país.

Dona Norma, alheia a essas particularidades, logo se juntou a Dona Maria Eva e Dona Conceição, as senhoras da igreja local e, a pedidos dos freis franciscanos, formaram a Milícia da Imaculada para fortalecer a comunidade católica local. Seu Valmor seguia a vida de suboficial da Marinha sem muitas novidades.

Em 1986, a construção da etapa C, em convênio com Exército e Aeronáutica, trouxe também escolas particulares, mercados e agências bancárias. O Banco do

Brasil se instalou na etapa A, já a Caixa Econômica ficou no Jardim Oriente. Mais uma vez se gritava, elite aqui, pobres para lá.

O Brasil estava mudando. Depois do movimento das Diretas Já, em 1985, o país tinha o primeiro presidente civil, José Sarney. Mesmo que ainda apoiado pelos milicos e tendo chegado lá depois da morte de Tancredo Neves, eleito indiretamente, havia esperança novamente. Uma sensação de liberdade permeava o ar depois de 20 anos de ditadura. As pessoas ainda estavam cautelosas, mas já arriscavam um patriotismo libertário e caminhavam para dias mais ensolarados.

A família de Dona Norma e Seu Valmor ia se enraizando no local. Norminha não gostava muito de estudar, era moça ainda e não tinha se decidido muito sobre o que ia ser na vida. Já Virgínia sabia exatamente o que queria. Apesar de mais jovem, fez o magistério e logo conseguiu um contrato na primeira escola municipal da localidade. Valparaíso, mesmo sendo bairro de Luziânia, ainda não tinha muita estrutura e não era muito bem administrado por conta da distância do centro da cidade. Mas as escolas municipais começavam a ser construídas.

Virgínia logo conseguiu um contrato para trabalhar na escola municipal que, na época, se chamava apenas Escola Municipal Valparaíso I B, hoje Escola Divina Lourenço. Norminha então, incentivada, se matriculou na primeira turma de magistério do Colégio Estadual Valparaíso, que seria para sempre conhecido como “Redondo”. Se formou e logo conseguiu também um contrato na mesma escola que Virgínia, única na época. Outras escolas estavam sendo construídas, mas as professoras concursadas para Luziânia não queriam vir trabalhar no Val, então rolou um concurso específico para esta região. As irmãs Virgínia e Norma passaram e foram trabalhar no Divina Lourenço.

Tempos melhores foram se desenhando. Os meninos cresceram e o lugar foi se desenvolvendo como tinha que ser. A partir de 1988, quando os imóveis funcionais de Brasília começaram a ser vendidos, e os funcionários públicos que moravam neles não tinham dinheiro para comprá-los, por isso tinham que

desocupá-los, as forças armadas abriram para que os civis também pudessem comprar suas casas em Valparaíso. A Etapa D foi construída nessa época enquanto o Valparaíso II crescia junto, desgovernado e empoeirado. Mas foi lá que construíram o primeiro hospital público, que ficou conhecido pela sigla de CAIS, onde a localidade teve sua primeira maternidade.

Do outro lado da BR 040, o negócio era muito mais complicado. O crescimento era desordenado, não havia sistema de águas pluviais, a maioria das ruas não tinha asfalto e não havia fiscalização de obras. As casas eram fora do padrão, invadiam áreas que não deviam e ninguém ligava. A prefeitura de Luziânia não tinha braços suficientes e o administrador nada podia fazer.

Escolas Estaduais começaram a surgir nos outros setores e escolas particulares também. Mas o bairro era uma “cidade dormitório”, onde as pessoas vinham apenas para dormir, já que trabalhavam em Brasília. Valparaíso era um lugarzinho no meio do nada, que não era DF e era muito longe dos olhos de Luziânia. Tinha o peso social de ser Goiás e não tinha assistência nem de um lado, nem de outro.

A década de 80 chegava ao fim e os anos 90 prometiam ser incríveis. As bandas de rock nacional estavam no seu auge... As pessoas ainda lembravam e cantavam o Faroeste Caboclo e tinham a ilusão de ir para Brasília, porque nesse país lugar melhor não havia! Mas acabavam em Valparaíso com “Z”.

A família Bezerra prosperava. Dona Norma tinha orgulho das filhas professoras e dos filhos que cresciam e se tornavam lindos rapazes. Os garotos participavam do grupo de jovens e eram ativos na comunidade católica local. Ela e Seu Valmor não tinham do que reclamar.

Leandro e Leonardo arrebentaram as paradas de sucesso com a música “Pense em Mim” e o sertanejo goiano ganhou o Brasil. “Another day in Paradise” não combinava em nada com o paraíso oferecido pelas propagandas do bairro planejado

de Valparaíso, pertinho da capital, com todo conforto. Faltava luz, água, saneamento básico, escola, comércio. Não tinha nada de paraíso...

Já era 1992 quando Vagner, filho de Dona Norma e Seu Valmor, agora já rapaz, viu o Chevetinho verde dirigido por uma moça ruiva dobrando a esquina da rua do Banco do Brasil. “Gente de fora”, foi o pensamento dele. Seguiu o caminho até a parada de ônibus e ficou com aquela imagem na cabeça o dia todo.

Débora, a moça no Chevette verde 1980, tinha se mudado no final de semana. Muitas coisas desastrosas haviam acontecido, e Valparaíso era uma rota de fuga. Grávida de 5 meses, com um filhinho de um ano e meio, chegou na cidade com sua mãe, sem marido, graças a Deus, e sem dinheiro, infelizmente. A separação era recente e, apesar da pouca idade, o peso das responsabilidades era gigante.

Valparaíso não parecia grandes coisas, mas ela estava confiante que era um recomeço promissor. Naquela tarde o funcionário da Encol ia ver os reparos necessários na casa. Ela tinha achado isso bem bacana. A empresa fornecia manutenção perene para as residências conveniadas. A casa era alugada, mas o proprietário mantinha o convênio com a construtora. Então, Débora chamou o serviço para instalar um chuveiro e verificar uma goteira na sala.

O rapaz chegou, sorriso largo, brincou com o filhinho de Débora, já ganhou ali. Conversou com a mãe dela que logo ofereceu um café. Edvaldo era alto, pele cor de caramelo, olhos francos e aperto de mão firme. Ali se formava uma amizade que, naquele momento, já ficou evidente.

Edvaldo seguiu conversando e brincando com o menino. Deu atenção para a mãe e flertou um pouco com Débora. No final do serviço, ela levou o rapaz até o portão, que logo ofereceu para levá-la a um passeio. Ela aceitou... A barriga já estava bem pronunciada, então... Que mal tinha?

Edvaldo levou ela e o filho para tomarem sorvete e mostrou como chegar nos cantos da cidade. Valparaíso já estava bem maior, a etapa E estava em construção e também o que seria um arremedo de shopping em breve. O passeio foi agradável, Débora até relaxou um pouco. Foi durante o passeio que ela viu o curso de inglês. No dia seguinte ela levou um currículo.

Débora começou a trabalhar no curso de inglês, uma franquia da Fisk, que pertencia ao pastor Naason, líder da Igreja Batista. Ele próprio entrevistou a moça e ela foi admitida para trabalhar na secretaria da escola, mesmo estando grávida. Assim, novas fases iniciavam na comunidade, já que começavam a aparecer os moradores que trabalhavam e moravam em Valparaíso.

Os anos voaram! O bebê nasceu saudável e lindo e Débora conseguiu respirar mais aliviada. Depois que o bebê fez seis meses ela voltou ao trabalho e tudo parecia ir bem. Ela e Edvaldo se tornaram bons amigos e as coisas seguiam seu rumo.

No final de 92 em uma quermesse da igreja de São Francisco, Débora conheceu Vagner, o filho da Dona Norma e do Seu Valmor. Mundo pequeno, não é mesmo? Eles tinham quase a mesma idade, mas Débora era muito mais vivida. Mas Vagner era divertido e ela se lembrou que também era jovem e podia se divertir de vez em quando. E, por isso, os dois volta e meia se encontravam para uma cervejinha e um bom papo.

O tempo voava mesmo, e já era 1994, quando as casas da etapa E finalmente ficaram prontas e começaram a ser entregues. Ao mesmo tempo, o “shopping” também foi inaugurado. Mas Valparaíso seguia desestruturado e não havia crescimento. Os moradores tinham que ir à Brasília para tudo. Não havia bons mercados, nem lojas grandes. Tudo era pequeno, mal feito e não atendia bem. Do outro lado as casas eram desordenadas, faltava luz, água e infraestrutura.

Foi nesse ano que algumas pessoas, já cansadas de ver Valparaíso ser posto de lado, passaram a propor uma emancipação. Foram três tentativas e, num

plebiscito que convidava os moradores a votar, finalmente Valparaíso com “Z”, passou a ser Valparaíso de Goiás e se tornou, em 1995, um município independente do estado de Goiás.

Meio atropelado, meio estranho, meio sem eira nem beira, aconteceram as primeiras eleições e pronto! Nove vereadores e um prefeito eleitos pelo voto direto e Valparaíso de Goiás, elevado a município, brilhava como mais uma estrela do estado de Goiás.

Não mudou muita coisa, mas nesse ano a vida de Débora mudou um bocado. Foi nesse ano que ela conheceu Luciano, namorou e casou em 6 meses. O jovem casal mudou-se para o bairro da Morada Nobre. Não tinha asfalto, nada de águas pluviais, água encanada ou esgoto. É 1995 e aquele lado era servido por poço e fossa séptica. A família finalmente estava completa, ela, o marido e os filhos, e ainda a mãe dela.

Fica difícil falar aqui de todos os perrengues. Débora seguiu trabalhando do outro lado, tinha que ir com uma sacola nos pés para não sujar de lama, na época de chuva, ou de poeira, na época das chuvas. O marido tinha um negócio próprio, uma serralheria bem próspera em uma cidade em construção. A vida era dura, mas muito feliz.

Naqueles anos morando de aluguel, sem carro, com pouco de tudo, a cidade foi mudando. As obras aconteciam sem planejamento, sem infraestrutura. Antes de conhecer Débora, o marido já havia adquirido um terreno onde pretendia construir sua serralheria e uma casinha. Eles mantiveram os planos e, dentro de quatro anos, quando nascia o primeiro filho do casal, em 1999, se mudaram para a casinha ainda sem terminar, no setor de chácaras.

Ali era muito pior. Além de não ter infraestrutura, não tinha nem telefone, nem documentação dos lotes. Aos trancos e barrancos a cidade foi crescendo cada vez mais. Claro, os problemas de cidade maior vieram junto... Bocas de fumo, assalto, falta de iluminação pública, além do crescimento desordenado. Bairros como ali no

Setor de Chácara Anhanguera seguiam sem água encanada ou esgoto. É até meio ridículo e inacreditável que, nos anos dois mil, uma cidade fronteira ao Distrito Federal não tenha nem água encanada e esgoto, quicá sistema de águas pluviais.

Os alagamentos pareciam rios poderosos correndo e arrastando pessoas e até veículos. As temporadas de chuvas eram aterrorizantes. Em meio ao caos dos bairros da Morada Nobre, Jardim Oriente e Setores de Chácara Anhanguera A, B e C, surgiam Cidade Jardins, Esplanadas I, II, III, IV e V cercando as etapas do Valparaíso I, além dos bairros do lado pobre se proliferarem, Ipanema, Araruama, Vila dos Carneiros, Vila Guaíra e Pacaembú. Sem estrutura alguma, sem documentos, sem assistência. O único dito hospital público se deteriorava a olhos vistos. Já não havia mais maternidade e as mulheres grávidas recorriam ao DF, nas cidades Satélites do Gama e Santa Maria que cresciam e tinham a estrutura planejada. Valparaíso lotava os hospitais e desequilibrava os postos de saúde do vizinho.

Mas do outro lado as coisas só ficavam cada vez mais bacanas. A BR 040 foi duplicada, as passarelas começaram a aparecer. O shopping foi melhorando e até cinema tinha agora. Prédios e novos bairros surgiram atrás do shopping e a população que tinha melhores condições se mudava para lá.

Foi em 2003 que Débora conseguiu entrar para a faculdade e, em seguida, conseguiu emprego em Brasília, nas escolas grandes que pagavam bem melhor. Nessa época as coisas melhoraram muito, mas ainda era complicado. As pessoas do Val I tinham o maior preconceito com a ralé do outro lado. Agora nem dava para dizer que era do Val II, já que tudo tinha se multiplicado tanto.

Para Débora, o jeito foi levar os filhos para estudar no DF, nas escolas onde ela era professora. Por aqui o negócio do marido ia mal e as coisas ficavam cada vez mais complicadas. Entrava prefeito e saía prefeito e nada de organizar as coisas. Como mais um município pobre, no entorno sul do Distrito Federal ou em

qualquer outro lugar do Brasil, Valparaíso de Goiás crescia sem pai, sem mãe e com seus filhos órfãos chorando sua miséria.

Para alguns, novamente como em qualquer lugar do Brasil, os direitos eram mantidos. Hospitais particulares, tendo sido o Hospital Nossa Senhora da Aparecida o pioneiro, surgiam aceitando os convênios e servindo aos poucos privilegiados. Para os outros, postos de saúde sem material, escolas pequenas e sem atenção do estado e escolas municipais que surgiam por demanda e seguiam o bonde de escolas públicas vilipendiadas.

As escolas particulares se multiplicavam e algumas faculdades surgiam, sendo o CESB a faculdade pioneira no município. As construções eram mais e mais desordenadas. Nos setores de chácara ninguém se dava ao trabalho sequer de mandar fazer uma planta de arquitetura. Na verdade, nem sabiam do que se tratava. Pessoas pobres, de dinheiro, mente e espírito, enchiam cada vez mais a cidade, que seguia na penumbra intelectual.

Em 2008, Débora sofreu a perda da sua mãe. Luto e muito desgaste preencheram aquele ano, quando seu filho mais velho saiu de casa e foi morar fora do país. O ambiente não ajudava em nada, as ruas seguiam sem asfalto e o povo sem nenhum apoio.

Finalmente, em 2009, as ruas do Setor de Chácaras começaram a ser asfaltadas. Apesar de seguirem sem saneamento ou águas pluviais, sendo deixadas à própria sorte, sem regularização e sem um olhar mais acolhedor, o asfalto dava um ar mais arrumado àquelas paragens.

Os anos se escoando e trazendo as modernidades de cidades grandes para a pequena e desorganizada Valparaíso de Goiás, trouxeram outro shopping, um parque ecológico e muitas, muitas casas. Com a crise econômica geral, mais e mais pessoas vinham para Valparaíso. As mais pobres se ajeitavam nos lugares mais afastados do centro, sim, já se formava uma periferia na cidade. As que tinham mais

condições compravam lotes nos novos condomínios ao redor do parque ecológico e apartamentos nos prédios que surgiam no Valparaíso I.

A cidade, com ares de cidade satélite, mas que não era cuidada pelo estado de Goiás pois era alegado ser muito distante da capital Goiânia, era também desprezada pelo vizinho Distrito Federal, já que havia até mesmo um certo preconceito com as pessoas que aqui residiam. Sem verbas que apoiassem a necessidade de um hospital público e mais escolas, a cidade tinha uma característica interessante: os moradores não transferiam seu título de eleitor para o município. Dessa forma, as verbas vinham para a quantidade de moradores cadastrados e não para os residentes.

Sem infraestrutura, os prédios bonitos, condomínios fechados e casas grandes que ficavam na área nobre da cidade tinham de tudo, enquanto a população crescente e efervescente da periferia mal tinha iluminação pública. O caos social ia do transporte precário, passando por prédios públicos improvisados e sucateados, culminando com a falta das necessidades mais básicas como hospitais e creches.

No ano de 2019, em uma reunião onde as luzes piscavam, em uma sala na Secretaria de Educação, uma luz se acendeu e brilhou. A ideia que criaria a Academia Valparaense de Letras, a AVL, surgia trazendo esperança para as artes e poesia que borbulhava no sangue dos presentes. Entre eles, lá estava Débora que, ao longo desses mais de vinte e cinco anos, tinha se tornado escritora. As sombras da cidade finalmente podiam ser afastadas pelo poder da cultura e da educação.

A Academia, tendo como Presidente Dry Neres, além de seus honoráveis membros, teve sua criação oficializada em 31 de março de 2020, mas nasceu nos sonhos dos fundadores no dia 05 de julho de 2019. Na cidade de construções não arquitetônicas, cheia de necessidades e agonias, nasceu a estrela da esperança intelectual.

Aos trancos e barrancos, as administrações que se seguiam no governo da cidade não cuidavam do mais básico. E os anos passaram ingratos com o que tinha começado com tanto planejamento e esperança. 2020 chegou com a pandemia e encontrou a cidade lotada e desestruturada. Uma população de duzentas mil pessoas, mascarada por apenas sessenta e cinco mil títulos de eleitor registrados, sofria a falta de tudo. Era como fazer uma festa para cinquenta pessoas e receber cento e cinquenta. Vai dar ruim! Vai faltar comida, bebida, lugar para colocar todo mundo. Essa característica transtorna a cidade inteira!!

Hoje, sofrendo as rebarbas da pandemia pelo ainda chamado de “novo” coronavírus, a cidade emerge do caos sem ainda ter muita firmeza nas próprias pernas. Débora, hoje, junto a seu marido, mora no Jardim Oriente, em uma casa que tem documentação, água da rua, mas ainda é atendida por fossa séptica. Os filhos, criados, são quatro, todos morando ainda na cidade, cidadãos de bem que contribuem para tornar o município mais próspero ao pagar seus impostos aqui. Ela é professora da rede municipal de ensino e não desiste de trabalhar em prol dessa comunidade. Toda a família tem seu título de eleitor registrado no município e, ocupando a cadeira número sete na AVL, tendo como patrono o icônico Manuel Bandeira, segue acreditando que a cultura é a luz do mundo.

Wagner, hoje, é casado e seus irmãos ajudaram a fazer a história dessa cidade tão peculiar. Seu Valmor já se foi, mas Dona Norma segue ativa na comunidade Católica. As meninas loiras, Norminha e Virgínia, que deram adeus para Nelson em 1983, são hoje professoras aposentadas pelo município.

Nelsinho, que estava aqui no início de tudo, hoje mora em Minas Gerais, mas lembra com nostalgia da casinha de esquina que hoje é o local do maior colégio particular da cidade, o colégio CEBAN, que toma quase a quadra inteira. Nas lembranças de Nelson, o lugarzinho perdido no meio do Cerrado já quase se perde também da memória, apesar de lembrar com vivacidade assombrosa dos olhos abertos do homem morto, primeiro crime ocorrido na cidade.

A cidade tem muito pela frente. Ainda conseguimos ver, entre as 864 casinhas populares construídas na Etapa A, alguma que conserva os traços da arquitetura original, projetada pelo arquiteto Cesar Barney, da equipe de Niemeyer. Nos condomínios em volta do Parque Ecológico, começamos a ver linhas de uma arquitetura moderna e chique, que tem a tendência de redesenhar a cidade, em projetos assinados por arquitetos nascidos e criados em Valparaíso. A periferia sempre vai existir, com os problemas de grandes populações que vão continuar. Lá a arte vem do imprevisto e de uma não-arquitetura nascida das necessidades de erguer um teto sobre as cabeças. Paredes pichadas ou grafitadas e muros penseis que desafiam as leis da gravidade e se apoiam nas esperanças do povo.

Mas Débora, nascida carioca e autodenominada valparaisense, filha de uma arquiteta, ainda olha com fascínio para a balbúrdia urbana de Valparaíso de Goiás, cidade nascida de sonhos, que, incrustada no Planalto Central, juntinho da capital do país, segue teimosa crescendo e fervendo sua cultura regional fruto da mistura de todos os cidadãos valparaisenses ou não.

E pós-jornada. Chego finalmente no Parque das Flores.
Calma. Ainda não chegamos ao final. Mas aqui
sentimos a busca pela morada. A emoção de um lar. E,
também, a luta em família.



Foto: César Ferreira

Pra não dizer que não falei do Parque das Flores

Thiago Maroca

Valparaíso como bairro planejado dos anos 90 e a Cidade Jardins

O distrito de Valparaíso, recém inaugurado pela ENCOL, trazia a promessa de uma cidade planejada. Próximo à Brasília, na estrada que ligava a Belo Horizonte (MG), local com bairros divididos em etapas, há de se lembrar que tinha alguns moradores e inclusive a zona boêmia muito frequentada desde a construção da capital. Em outro canto próximo dali, outra construtora investia na promissora região. Um outro bairro, só que agora vertical, era construído, dividido em dois setores: Cidade Jardins e Parque das Flores.

CIDADE JARDINS



APARTAMENTO PRÓPRIO A PREÇO DE CUSTO.

A 20 minutos do Plano Piloto, apartamentos de 2 e 3 quartos com sala, cozinha, banheiro e área de serviço na BR 040, Km 8, antes do Valparaíso.

Com características de condomínio fechado, o Residencial Cidade Jardins terá infra-estrutura completa, além de escolas, centros de lazer, praça urbanizada, posto de saúde e centro administrativo.

- Pequena despesa com inscrição
- Poupança parcelada
- Financiamento garantido pela CEF
- Entrega em até 18 meses
- Postos de atendimento no local e no SCS
— Quadra 4 — Bloco A — Loja 27 — Sede
— Ao lado das Lojas Americanas

LIGUE JÁ: 225-4827 — 627-4258

CONSTRUÇÃO



FINANCIAMENTO



REALIZAÇÃO



ATENDIMENTO



(Anúncio de 1994, no Jornal local, “O Despertar”)

O convite do anúncio era sobre ter chegado a hora de ter seu imóvel, um direito garantido na constituição de 1988, mas que só foi inserido em fevereiro de 2000. O seguinte texto dizia: Capítulo II, Art 6 ° *São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.* Redação dada pela Emenda Constitucional nº 26, de 2000.

Em 1996, o distrito de Valparaizo se tornou o município de Valparaíso de Goiás, com sua primeira eleição municipal. Em 1997, a prefeitura encomendou imagens aéreas da cidade. O bairro estava por finalizar. Os imóveis estavam sendo entregues, exceto os apartamentos do Parque das Flores e isso durou até o ano 2000.



(Bairro cidade Jardins e parque das flores em 1997. Fonte: Internet)

Quarta-feira, 28 de março de 2001

Já era tarde para ficar na rua. Depois do banho e jantar, o que me restava era deitar na sala e assistir ao jornal com meu pai e minha mãe. Pelas manhãs, eu assistia ao programa da Xuxa, mas naquele ano não havia durado nem uma semana devido a um incêndio no cenário. Além da Xuxa, o que desaparecia era a nota de um real. O governo havia acabado de criar a nota de dois reais, vinha uma tartaruga como desenho. Enquanto isso, naquela noite, a gente esperava acabar o jornal para vermos mais um capítulo da novela das oito que sempre começava às nove. A novela tinha um personagem principal que lutava por justiça social, um pescador. Depois da novela, a gente assistia *Casseta & Planeta*. Eu relutava contra sono nesse momento, porque odiava não saber de nada que havia passado na TV na noite anterior e isso era o assunto o dia inteiro na escola.

Ainda naquela noite, já no horário da novela, o barulho de uma *Caravan* subindo a rua era inconfundível. Meu irmão, que não morava conosco, fazia-nos visitas inesperadas, mas devo confessar que aquela ultrapassava o bom senso. Meu pai estirado no sofá suplicava para que minha mãe deixasse sua blusa de ir para o trabalho passada, minha mãe dizia estar cansada e que faria o ato pela manhã do dia seguinte. Meu irmão entra esbaforido porta adentro.

- Mãe! Tá rolando uma reunião para ganhar uma casa.

- Onde?

- Do outro lado da cidade, vamos lá?

- Isso não vai dar em nada, a gente já se inscreveu em vários programas do governo e nunca chamaram a gente. Nem lote, nem nada.

Meu pai interferiu no diálogo, deixando clara sua opinião. Ele, na verdade, não acreditava em nada de graça, odiava governo, políticos e qualquer pessoa certinha demais.

- Eu vou!

Sem tempo para muita discussão, minha mãe pegou um casaco e saiu porta afora. Meu pai continuou estirado no sofá. A coisa não estava boa para o

personagem principal da novela e meu pai pensava que talvez fosse um golpe em que minha mãe fosse cair. O que aconteceu naquela noite foi que eu dormi e não ouvi minha mãe chegando da tal reunião. Também não vi meu pai saindo pra trabalhar, mas tenho certeza que foi com a blusa amassada. Minha mãe não havia dormido em casa. Fiz meu café, tranquei a casa e fui sozinho para escola. Também não consegui terminar de assistir ao programa de humor da noite anterior.

Na escola, todos entramos no horário de sempre, mas os professores ainda não haviam chegado a sala. O que teria acontecido? O silêncio dos meus pensamentos era quebrado pelo bom dia matinal da professora, que aparentava bom humor, mas que logo desapareceria ao saber que nem um terço da turma havia feito o dever de casa, era assim todo dia. Deus proteja os professores que acreditam na educação pública.

No caminho de volta para casa, eu pensava: Onde estaria minha mãe? Será que meus pais se separaram e criaram aquele teatro na noite anterior para não me magoarem? Mas eu não estava magoado, estava preocupado com minha mãe. Esquentei o resto da janta, liguei a TV e fiquei ouvindo música no rádio. Nada da minha mãe aparecer. Até que, às 16h, encosta um Pálio na nossa porta e minha mãe sai correndo em direção ao guarda-roupa, jogando lençóis em cima da cama.

- Mãe! O que aconteceu?

- A gente conseguiu um apartamento!

- Como?

- Invadindo... Eu preciso voltar, se não vão tomar.

Depois de dois dias nessa, meu pai pediu para eu ficar com ela para não deixá-la sozinha.

Fui na quinta, aproveitei e faltei a sexta na escola. Teria apresentação e eu não queria participar, não tinha feito minha parte. Na invasão, fui conhecendo muitas pessoas e cumprimentando muitos conhecidos.

- Invasão não, ocupação. Nós queremos comprar. A um preço popular.

Depois de um mês, a água era abastecida com caminhão pipa e a luz no gato, já me sentia em casa, um morador daquele lugar. Até a TV a gente assistia

junto na portaria do prédio todas as noites. Meu pai, cansado de ter que fazer a própria comida e passar a blusa para trabalhar no dia seguinte, aceitou a decisão de ir morar no conjunto habitacional Parque das Flores.

A primeira matéria que saiu no jornal foi essa:

Invasores ocupam cem prédios em Valparaíso

Roberto Fonseca (Correio Braziliense), sexta-feira, 30 de março de 2001.

O relógio marcava 22h35. A costureira Maria do Carmo Pinheiro, de 57 anos, terminava de passar roupa na sacada do apartamento, localizado no residencial Cidade Jardim, em Valparaíso (GO). A calma do programa caseiro foi substituída por uma enorme agitação. “Parecia uma coisa de louco. Era um carro atrás do outro”, lembra ela.

A inquietação foi provocada por um grupo de invasores. Sedentos por um imóvel, eles ocuparam na noite de quarta-feira os 800 apartamentos do empreendimento Parque das Flores, situado ao lado do residencial Cidade Jardim. Os 100 prédios estavam vazios desde 1999, quando a obra foi concluída.

Os invasores não são pessoas sem-teto. É gente que mora de aluguel e deseja comprar um imóvel financiado. Como é o caso do pedreiro Nivaldo Santos, de 51 anos, que ocupou um apartamento de dois quartos, sala e cozinha na rua C-3: “Pago R\$220 para morar numa casa de três cômodos em Céu Azul (GO). Minha renda permite uma prestação até mais cara que o aluguel”.

Com cerca de 1.300 associados, a Cooperativa Habitacional Valparaíso e Entorno (Chave) comandou a ocupação dos edifícios. Depois de uma reunião de uma hora e meia, os cooperados decidiram promover a invasão. “Queremos comprar os apartamentos. Nossa intenção é ter nosso próprio cantinho”, esbraveja o presidente da Chave, Edvaldo dos Santos, de 37 anos.

A cooperativa alega um déficit habitacional na região e, segundo o presidente, prédios bem construídos como os do Parque das Flores não podem ficar desocupados. “Temos que forçar a venda imediata dos apartamentos”, alega

Santos, que acompanhado da mulher e três filhos, invadiu um apartamento de três quartos com suíte. Todos os edifícios são abastecidos de água e luz.

Os apartamentos não foram comercializados até agora porque existe uma diferença entre o valor de mercado e o custo do empreendimento. A cooperativa habitacional Vivenda, dona dos imóveis, não conseguiu acertar com a Caixa Econômica Federal o preço final. “Os valores estão sendo renegociados. Estamos procurando uma solução, que deve sair em breve. A partir daí poderemos iniciar a venda para os cooperados cadastrados”, acredita o gerente operacional, André Luís Martinelli.

FALTAM VAGAS

Com casamento marcado para o dia 27 de abril, o mecânico Paulo Henrique da Silva, de 23 anos, tentou ocupar um dos apartamentos. Não obteve êxito. Foi informado pelos líderes do movimento que não existiam mais vagas. O rapaz voltou decepcionado para a casa da sogra, onde mora de favor. “Preciso arrumar um local para morar. Tenho condições de pagar o valor das prestações”, diz ele, enquanto acalmava o sobrinho de cinco meses.

O destino da invasão dos prédios será decidido pelo Poder Judiciário de Goiás. A cooperativa Vivenda vai entrar na justiça para reaver a posse dos apartamentos e cobrar dos invasores os danos causados. “Vamos verificar tudo que foi quebrado. Os responsáveis pelo movimento terão que arcar com o prejuízo”, comenta Martinelli.

No final da tarde, Edvaldo Santos foi comunicado que havia sido exonerado do cargo que ocupava na prefeitura local. O presidente da Chave trabalhava como assistente de Administração e Finanças. Ganhava R\$600. A assessoria do prefeito Juarez Sarmento (PSDB) não confirmou a demissão. “Só pode ser perseguição política”, pondera Edvaldo.

A investigação da invasão dos prédios ficará com a Polícia Civil. O caso foi registrado na delegacia da cidade. O delegado Luciano Kehdy pretende indiciar os

culpados pelos crimes de formação de quadrilha, dano e furto. “Vamos identificar todos que tiveram participação criminosa”, promete Kehdy.

Abril de 2001



Nos mudamos depois de um mês. O bucólico bairro Cidade Jardins nunca mais foi o mesmo. Toda noite havia reunião com o pessoal da cooperativa, um trio elétrico convidava a ocupação a comparecer na reunião. Políticos, advogados, gente de Goiânia, do congresso, o mais variado tipo de gente subia no trio elétrico e fazia um discurso acalorado, por fim a cooperativa pedia uma quantia para custear o que fosse. O povo começou a acreditar que iria ganhar os imóveis ou ao menos comprar a preço popular. As reuniões encerravam sempre com uma música alegre, dando como certa a vitória do povo.

“Ha ha ha, mas eu tô rindo à toa...”

Todas as noites, as únicas quatro viaturas da polícia militar da cidade rondavam o bairro, na esquina um olheiro gritava:

- Óh! Os homi tão vindo. Apaga tudo!

Sem muita informação e com um pouco de medo, ficava tudo num breu só. Ficávamos olhando pelo cantinho da janela. Quando eles iam embora, um vizinho do prédio ao lado levantava o porta malas do *Tipo* e a música do momento era uma dupla nova chamada Bruno e Marrone, ao som de voz e violão:

“Seu guarda, eu não sou vagabundo, eu não sou delinquente...”

De alguma forma não podíamos reclamar da falta de segurança, inclusive porque nem tudo eram flores no Parque das Flores. Muitas pessoas em conflito com a lei também estavam na ocupação, mas nunca houve um relato de roubo a nenhum apartamento. Só no começo que alguns queriam invadir os que aparentavam estar desocupados. Tudo foi resolvido com o cadastro e a taxa da cooperativa, que no começo funcionou muito bem.

O único mercado e a única padaria tiveram dificuldades em manter abastecidos os novos quase 4 mil consumidores. Um único ônibus que passava às sete horas da manhã sentido a Brasília agora ia abarrotado de trabalhadores; o jeito era caminhar até a BR, que também ganhou movimento. À noite, o clima era sempre de agitação. Os que chegavam do trabalho sempre paravam nas dezenas de quiosques improvisados em volta do bairro em busca de novas informações. O desfecho da noite sempre era o encontro geral em frente ao trio elétrico da cooperativa, às vezes não tinha novidade, então só tocava música, mas sempre acabando às 22h. O trabalhador também precisa descansar e acordar cedo.

A vida acontecia naquele lugar. Na portaria dos prédios, todo dia tinha algo novo a se contar: briga de casal, venda de apartamento invadido, problemas e algumas situações engraçadas. Um dia o vizinho chegou em casa, pegou a mulher lhe traindo, quis bancar o machão sendo lançado janela afora pelo amante. Também houve um falecimento de um morador, um senhor já de idade, e com certeza muitas vidas foram geradas naquele bairro. Sempre que eu chegava da escola, ficava a tarde inteira olhando as roupas secarem para que ninguém as roubasse. A água era cortada e, quando não tínhamos a grana para o caminhão pipa, o jeito era encher baldes em um ponto de água clandestino. A luz foi uma bela de uma gambiarra que

um ex-funcionário da companhia energética havia feito. Havia sofrimento, mas também tinha muita solidariedade, troca de favores e ajuda mútua. Esse tipo de coisa unia as pessoas. Junior, um vizinho do quarto andar, sempre trazia os sanduíches vencidos do seu trabalho. Salvador, um camelô, socorria todo mundo com ajuda na pintura e troca de maçanetas. Minha mãe fazia bolos e tortas. Havia quem não tivesse o que comer direito. Nós elegemos até uma síndica em nosso prédio, com regras e taxa, mas não funcionou tão bem. Os prédios vizinhos eram colados e nossas regras não surtiram efeitos na vizinhança. Não jogávamos restos de comida pela janela, mas a vizinha do prédio em frente fazia o que queria e nossa síndica retrucava:

- Corticeira! Tem gente que não serve para morar aqui, tem que morar no mato.

O prefeito da época nunca apareceu na ocupação, nem para saber se ela existia. Somente um vereador nos visitava e ajudava como podia, Arquicelso Bites do PT. Tinha um advogado famoso na causa, recebeu por isso, mas não foi capaz de nos livrar de um processo coletivo de crime de roubo de energia.

Sabe que até uma paquera rolou na ocupação. Na época só me haviam duas novidades, eu estava começando a ouvir reggae por influência dos vizinhos e começavam a circular as vans alternativas na cidade.

Os meses iam passando, alguns chegando e outros desistindo da luta. Novas linhas de ônibus, a escola ganhou aula no horário noturno, a igreja católica começou a realizar uma missa toda sexta no pátio da escola. O posto de saúde agora tinha funcionários, agente de saúde entrava nos apartamentos para controlar a dengue, até o carteiro circulava nas ruas do Parque das Flores.

A luta começou a perder força quando os dirigentes começaram a se desentender, e luta sem organização política resulta em oportunistas. Aí começaram muitos comentários que foram acabando com a união do movimento. O jeito foi ficar cada um por si. A esperança foi definhando e a falta de novas informações foi dando como perdida a causa. Em um dia pela manhã, a cidade acorda com quatro ônibus de policiais com farda preta, formando em frente à prefeitura, que também fica no

mesmo bairro, a famosa tropa de choque. Nós saímos do apartamento antes de sermos expulsos. Nós tínhamos renda, só queríamos o direito de comprar um cantinho para gente. Essa era a realidade da maioria. Com o movimento de desocupação espontâneo, os imóveis começaram a ser de fato ocupados por quem não tinha onde morar. No jornal, víamos a truculência policial de sempre com o povo trabalhador. Por fim, os imóveis foram desocupados e um grupo de segurança privada impedia que qualquer pessoa se aproximasse do conjunto habitacional.

Assim terminou a história da ocupação do Parque das Flores. Às vezes ainda sonho com as pessoas na rua, carro de telemensagem e o trio elétrico:

“Ha ha ha, mas eu tô rindo à toa...”

Também reconhecemos que em nossa cidade há forças sem explicação. Na verdade, explicações existem, mas dependem de nosso interior. Começaram a nascer por aqui os seres de luz. Eu já disse. Ainda temos motivos para brilhar.



Foto: César Ferreira

A Religiosidade da Cidade de Valparaíso de Goiás

Simone Fernandes

Em 1980, eu e minha família chegamos ao Estado de Goiás para nos estabelecermos, em definitivo, em Brasília. No entanto, há exatos 30 km antes de entrarmos no Distrito Federal, bem na sua fronteira, passamos por, ao que podíamos dizer, um quase assentamento. Um pequeno município de Luziânia, que hoje, cidade feita, chamamos de Valparaíso de Goiás. Foi criada com um apelido de “cidade dormitório”, pois a grande maioria de seus moradores trabalhava em Brasília e só retornava a seus lares ao anoitecer.

Para falar da religiosidade que cerca Valparaíso, é necessário relatar sobre sua privilegiada localização, seus espaços físicos e valores mais acessíveis para a construção de templos, independentemente da seita praticada. Algumas igrejas católicas já haviam sido erguidas em Valparaíso, mesmo antes de sua emancipação, quando ainda era município de Luziânia, vinculadas à diocese desta cidade, em área pública delimitada. No entanto, demais templos foram surgindo gradativamente, em espaços adquiridos com recursos próprios ou até mesmo doações, em áreas urbanas ou rurais vinculadas ao município.

Podemos dizer que a população de Valparaíso possui uma diversidade religiosa bem expressiva. Não há nenhuma religião predominante. No entanto, é notória a persuasão intensa de algumas seitas que, deliberadamente, esquecem que o Estado brasileiro é laico. Vivemos numa democracia com pluralidade de crenças e liberdade.

Nos dias de hoje podemos avaliar quão numerosa se tornou a população que busca apoio e amparo nos diversos segmentos religiosos. Certamente pressionados pelas provações que enfrentamos diariamente e, mais recentemente, com o desafio sobre humano de uma pandemia. O surgimento de ambientes para cultos invadiu a cidade e podemos claramente observar isso em seguidas ruas de um mesmo bairro. Indiscriminadamente, muitas vezes desrespeitando os horários de silêncio, de bom

tom para uma convivência sadia junto a vizinhos e moradores locais, algumas seitas ultrapassam o limite do bom senso tornando-se até inoportunas. Não se alcança assim o benefício desejado que tanto se prega.

Casas são utilizadas, espaços públicos e também lojas comerciais, sendo que às vezes se comportam um número excessivo de fiéis e pretensos fiéis, sem qualquer fiscalização pública. Não citei aqui ainda o inconveniente, por vezes, de certos integrantes, que forçam a abordagem de pessoas que transitam por esses espaços, colocados como sagrados, na clara intenção de pressionar, coagir aos transeuntes a converterem-se a sua “religião”, pois denomino como seita. Nossa cidade vivencia isso diariamente e temo em dizer que já se tornou uma prática comum, tratada como banalidade um assunto tão sacro, pois trata-se da fé profetizada de forma singular.

A convencional prática católica, existente na cidade, segue rotineira com suas missas e raros festejos sacros durante anos, sem se pronunciar ou ao menos buscar arrebanhar novos fiéis. Seguem o ritmo tradicional familiar, sendo os ensinamentos bíblicos passados através de gerações. Não venho tecer críticas, mas uma religião tradicional secular deveria pelo menos tornar-se mais significativa perante a população. Eventos públicos ou uma atuação mais expressiva de seus paroquianos talvez resultasse positivamente para o acolhimento dessas pessoas que necessitam de amparo espiritual. Há muito a ser feito e acredito ser mínimo o esforço realizado. O “colocar a mão na massa” depende tempo e interesse, o que noto estar minimizado num momento tão necessário como agora, após esse enfrentamento epidemiológico.

A cidade nunca esteve tão carente de apoio em todos os aspectos, do material ao emocional. Seria agora o momento ideal para uma iniciativa em massa de representantes, não só da igreja católica, mas de todos os segmentos religiosos, de forma realmente digna, sincera, desinteressada e não opressora, de prestar socorro a todos que buscam o caminho da fé seja ela por qual escolha for. A carência afetiva leva à descrença e conseqüentemente agrava o quadro de

fatalidades que assistimos diariamente em noticiários, como suicídios, crimes e uma série de problemas sociais. Insisto e afirmo que uma mente embasada numa crença saudável e bem amparada sempre será fértil nas boas atitudes.

Não quero ampliar minha visão religiosa a um patamar mundial, mas trago comigo a certeza de que uma mente medíocre, manipulada pelo medo, tática usada no passado principalmente pelo cristianismo na Idade Média, ainda torna-se válida até os dias atuais, em que um número significativo de pessoas são pressionadas e induzidas a ver como pecaminosa qualquer outra prática religiosa que não imposta. Usando de sacrilégio, levando em vão as palavras da sagrada escritura, muitos anticristos buscam nessa tática manipuladora uma forma de enriquecer, abusando da boa fé de inocentes emocionalmente carentes. Isso tem se aplicado em nossa cidade de forma inescrupulosa. No entanto, não nos cabe julgar e sim alertar para os mais carentes e em fase de provação, que tudo que vem do sagrado não pode causar mais sofrimento ou aumentar suas carências e dúvidas.

Apesar de toda diversidade religiosa existente em nossa cidade, falar sobre intolerância deve ser a questão mais delicada a ser comentada. Manter-me imparcial nesse cenário é algo complicado. Apesar de ter nascido em berço católico, em 1981 aceitei a espiritualidade como resposta às minhas dúvidas e como orientação para minha vida. No princípio, desconhecia o que a religião espírita realmente poderia representar na vida de uma pessoa. Esclarecimentos valiosos serviram para direcionar-me e os meus familiares durante todos esses anos. No entanto, como todas as demais religiões, nós também possuímos “falsos profetas”, pessoas de índole duvidosa e aproveitadores da fé alheia. Certamente foram atitudes tomadas erroneamente por pessoas assim que desencadearam uma rivalidade atroz que, ainda hoje, terreiros e seguidores das casas de matrizes africanas sofrem.

O terreiro de umbanda ao qual me iniciei na religião espírita, em 1981, ficava localizado numa área agrícola da cidade de Taguatinga, no Distrito Federal. Hoje está desativado, pois a Yalorixá Leila Luiza, grande orientadora espiritual,

aposentou-se por idade e saúde. O local exato hoje se tornou um bairro nobre de grande proporção em área urbana do DF, chamado Vicente Pires.

Desde tempos remotos, sempre houve uma procura por áreas afastadas do perímetro urbano para a elevação de barracões de matrizes africanas. Esse fato se repetiu e ainda se repete também em Valparaíso. A necessidade dessas localizações mais afastadas e por vezes com ocupação de grandes áreas não se dá exclusivamente pela necessidade de espaço físico devido aos cultos, onde há a utilização de instrumentos de percussão, no caso o uso de atabaques, ou para plantios de ervas medicinais, mas o preço mais acessível dessas localidades. Em sua maioria, são adquiridas com recursos próprios sem nenhum incentivo governamental. Não há, até a atualidade, nenhum apoio significativo aos terreiros de matrizes africanas proveniente do poder público.

Nas cidades integrantes do entorno do Distrito Federal é que estão localizados os maiores terreiros de matrizes africanas do Estado de Goiás. Valparaíso pôde contar com seu primeiro terreiro de candomblé nos anos de 1976, tendo à frente a Yalorixá Railda de Oxum, fundadora da casa de axé filiada ao Asé Opoafonjá, com sede no Estado do Rio de Janeiro. Essa ilustre Yalorixá trouxe à cidade o desafio de levantar a bandeira contra o preconceito religioso que se estende até os dias de hoje em nossa cidade. Como precursora do candomblé nessa região, Mãe Railda lutou e defendeu bravamente nossa religião, tornando-se a principal representante da cultura negra em Valparaíso, recebendo títulos honoráveis.

Atualmente, seu barracão já não existe mais, pois a líder espiritual encontra-se em idade avançada e desfez-se de sua casa, aposentando-se. No entanto, seguindo seus passos, seu primeiro filho iniciado na religião por suas mãos, Pai Raimundo de Oxum, também ergueu seu barracão de asé em nossa cidade e ainda se encontra em plena atividade. Com a sabedoria que é passada de geração a geração na religião de origem afro, Pai Raimundo também preparou filhos, os quais fundaram seus barracões nos arredores de Valparaíso. Entre eles podemos contar

com a presença sábia e ativa do Pai Ribamar de Oxossi. Em tempos passados, a localização de seu asé ficava distanciada da área urbana, mas com o passar dos anos e o crescimento da cidade, o bairro de Céu Azul conta com o apoio permanente desta casa de santo renomada. Um pouco mais distante, mas ainda em bairro valparaísense, está o barracão renomado de Pai Ricardo de Omulu, representante do Axé Oxumaré, que resiste também há anos em área rural, dispondo do espaço necessário para a realização de suas atividades.

No ano de 1993, fui iniciada pela Yalorixá Rita de Oxum, na nação Ketu, ramificação do Asé Opoafonjá. Seu barracão estava localizado na Etapa B, aqui em Valparaíso, numa área urbana, e discriminado por muitos como “barracão de fundo de quintal”. Dispunha de pouco espaço, mas em nada interferiu nas obrigações necessárias. No entanto, o preconceito nos cercava. Fomos vítimas várias vezes de comentários pejorativos, palavras ofensivas e intervenções policiais, mesmo obedecendo com rigor os horários determinados pela segurança pública.

Não existe um diagnóstico preciso que possa nos nortear quanto ao número exato de templos religiosos de qualquer seita em nossa cidade. No caso dos templos de cultura africana, segundo informações passadas pela Secretaria de Cultura do Município, está em andamento um seminário onde será lançado o novo mapeamento desses territórios sagrados. Enquanto essas informações precisas ainda não são disponibilizadas, supomos que existam em nossa cidade, aproximadamente, 300 barracões de matrizes africanas localizados em diversos bairros. Muitos deles ainda atuam em “fundo de quintal” devido aos poucos recursos.

Com experiência própria e estudiosa da espiritualidade como sou, acredito habitar dentro de cada um de nós o sentido exato da palavra religião. A crença em algo maior, em uma força suprema que possa nos orientar e amparar, em que possamos depositar nossa fé e a certeza de uma vida inteira. Não querendo poetizar, mas já o fazendo, tudo que cremos proveniente de nosso mais profundo ser torna-se real e não cabe ao homem julgar, criticar, competir ou condenar algo tão ímpar. Somos seres imperfeitos em busca de um equilíbrio e não cabe ao homem

equiparar sua pequenez humana ao Criador ou tentar persuadir o próximo a seguir diretrizes semelhantes. Acredito ser o caminho do amor e da paz que trará a qualquer comunidade os resultados tão esperados para uma população próspera. Não depende da religião proferida, depende dos ensinamentos que são passados e do que fazemos com essa informação recebida. Não são acertos ou erros, somente metas favoráveis quando sabemos respeitar o limite do próximo.

Nos dias atuais, a intolerância religiosa impera e uma quantidade absurda de terreiros de matrizes africanas vêm sendo destruídos, enquanto seus membros sofrem ataques físicos e morais por adeptos de religiões contrárias, causando grandes prejuízos materiais e morais. Apesar de a justiça disponibilizar recursos para que tal situação siga pelos caminhos legais, nada justifica que haja confronto entre pessoas que profetizam o bem, a paz, a moral e os bons costumes agindo de forma tão antagônica. É nessas atitudes que se perde todo e qualquer valor dado à palavra religião e infelizmente nossa cidade passa por essa situação a céu aberto. Diariamente pessoas em total desequilíbrio emocional acabam sendo vítimas de falsos profetas. Apelamos aos líderes religiosos que façam de seu lema principal a solidariedade para com o próximo e que se limitem a profetizar o bem, independentemente de sua vertente religiosa, respeitando o livre arbítrio de cada um. Que o conhecimento de diversas culturas, seja ela indígena, africana ou europeia, possa chegar até nossa população como uma fonte de estudo, evolução e paz de espírito, trazendo o equilíbrio necessário para um bem maior de nossa sociedade.

E de causos também se formam nossa história. Ela é formada pelos governantes que aqui passam. Pelas decisões dos representantes. Mas também por nossas atitudes. Também por nossas palavras dirigidas ao nosso próximo. Próximo de nós está o céu. O céu azul. O nosso Céu Azul.



Foto: Thiago Maroca

Céu Azul

Alexandre Bernardo

Meu céu azul começou ali distante

Em viagens pela poeira do Cerrado

Num ônibus muitas vezes lotado

Em que meu pai me levava hesitante

Era pra ver o meu pai grande

E como Milton já dizia

Ai que saudade que eu sentia

Da história dos guerreiros trazidos lá de longe

Mas me faltava a métrica do momento

Como me falta hoje andar na linha

Naquela época eu queria era andar na linha do trem

Só que enquanto criança ninguém deixava

E dentro do ônibus eu ouvia alguém perguntar

E seu pai onde está?

Ao que papai respondia de pai grande

Ele está lá no céu

A pessoa se desculpava

Ficava sem graça e corava

Meu pai ria que quase gritava

E repetia lá no Céu Azul

Dessa vez acrescentava

Não cheguei a ver o violão pronto

Quando eles partem é sempre cedo demais

Sempre no meio de algo

De mais alguma coisa por fazer

Algo por ensinar

Eu querendo só mais uma história pra contar

Sabendo que minha gente é essa agora. Eu paro e olho a cidade crescendo. Era nossa criança e agora já grande. Mas ainda peço calma. Temos muito ainda a crescer. Há tanto pra viver. Nosso momento é só mais um aniversário. Como é bom ver nosso aniversário, cidade.



Foto: Thiago Maroca

Aniversário da Cidade

Docimar

Era quatorze de junho, uma quarta-feira. Quando eu saí, o marido, preocupado, disse para usar um casaco. O clima previsto para aquele dia era de apenas três graus.

Corri até o guarda-roupas e peguei um dos meus suéteres. Geralmente eu não era muito alerta à previsão do tempo. Era desatento e muitas vezes a invernia me pegava desprevenido. Talvez fosse por eu não gostar de usar blusas de frio.

Peguei minha mochila, coloquei-a nas costas, abri a porta e saí. Realmente estava muito álgido.

Tremi com a brisa gélida que bateu no meu rosto. Pensei em voltar para pegar outro suéter e um cachecol, mas já tinha fechado a porta, não queria voltar.

Segui. Abri a porta do carro e entrei. Senti-me aliviado. Dentro do carro estava mais quentinho.

Passei uma mão na outra por um tempo. Assoprei com meu hálito quente na esperança de esquentar um pouco as mãos geladas.

Acionei meu carro e segui, já era tarde, estava atrasado para chegar à faculdade.

Liguei o rádio. Tinha o hábito de escutar notícias enquanto dirigia.

Quis acessar uma rádio local. Queria saber o que estava acontecendo na minha região.

Inicialmente peguei uma notícia ruim. Preferi não prestar atenção.

Em seguida, o radialista falou sobre a importância daquela data: era aniversário da cidade.

As palavras do narrador me fizeram lembrar de tantas coisas.

Aquela urbe, que hoje aniversariava, é meu lar, mas na minha infância era o contíguo burgo, no qual eu era por vezes visitante e hóspede. Constantemente ia até a localidade para encontrar amigos e fazer compras.

O comércio era o melhor da região, então saíamos da nossa povoação para comprar na privilegiada cidade.

Já estava próximo à faculdade, desliguei o rádio e corri para a sala.

O professor já havia começado e me olhou de lado, enquanto eu me sentava, ofegante. Já estava mais quente. Minha correria para chegar a tempo acabou esquentando meu corpo.

Peguei o material e, atento, observei o docente.

Depois de discursar bastante aos alunos, ele pediu que fizessem grupos para que cada um falasse um pouco da sua urbe. Era o segundo dia de aula naquela disciplina, ainda estávamos nos conhecendo.

Organizamos os grupos. Sentei ao lado de algumas pessoas com quem eu já havia simpatizado. Por um instante ficamos calados e eu pedi a fala.

Disse de início que hoje era aniversário do meu município. Discuti sobre todo o comércio, bairros, lazer, escolas, hospitais e postos de saúde.

Falei que, naquele dia, a localidade estaria em festa e os convidei para conhecerem a região. Poderíamos marcar um sarau na praça da Etapa “A”, um bairro da cidade. Faríamos poesia, cantaríamos e conversaríamos apreciando os deliciosos pratos oferecidos pela Praça Gourmet.

Sugeri também o shopping Sul, caso não quisessem a praça. Lá poderíamos nos reunir em um espaço mais reservado para conversar e recitar poemas.

Eles gostaram da ideia e preferiram a praça, mas pediram para ver os outros bairros. Queriam conhecer especialmente o bairro Céu Azul, o nome chamou a atenção deles.

Combinamos e passei a fala para o próximo.

Ao fim da aula, peguei meu carro de volta. Estava cansado, mas antes passei no drive-thru do McDonald's do meu município. Queria muito me alimentar, estava faminto. Entrei na fila e de lá fiquei observando uma movimentação intensa na rua onde ficava a Câmara dos Vereadores da cidade. Lá tinha muitas crianças vestindo belas fantasias, marchando ao som de fanfarras. Em frente havia um palanque enorme, cheio de pessoas, de onde surgia uma voz chamando o nome de escolas.

Era dia de desfile cívico em homenagem à cidade. De longe vi que o tema daquele ano era “A Valparaíso que eu quero”.

Achei instigante aquele mote e imaginei muitas coisas boas para meu pedacinho de chão. Pensei em todas as pessoas empregadas, todas as crianças na escola e bem alimentadas. Imaginei uma urbe segura, onde todos podiam andar com seus pertences sem se preocupar. Pensei em todos felizes por todo o tempo. Em risadas, comida gostosa, animaizinhos bem tratados e amados. Homens e mulheres abraçando a pluralidade, recebendo bem a todos sem distinguir cor ou orientação sexual.

Pensei em um burgo justo e igualitário. Perfeito, completo, florido, arborizado...

Pensei, pensei, pensei, ensai, sei, ei, ei, iiiiii. Bi-bi! Bi-bi! Bi-biiiiiiiiiii!

Bruscamente fui surpreendido por um veículo atrás de mim buzinando. Eu estava desatento e o automóvel da frente já tinha feito seu pedido e eu ainda estava no mesmo lugar.

Segui em frente, ainda pensando na minha Valparaíso. Reflexivo, percebi que muito do que eu havia pensado parecia utópico, mas reconheci que algumas outras poderiam acontecer, bastava a sociedade se mobilizar mais. Pensei nisso, bolei planos enquanto fazia o pedido.

- Dois big Macs, duas batatas médias e dois sucos de laranja, por gentileza.

Segui até a janela seguinte, peguei meu lanche e parti para minha casa.

Dirigi pacientemente. Cheguei ao meu apê, liguei Marisa Monte.

“Sim, são três letrinhas, todas bonitinhas, fáceis de dizer, ditas por você, esse seu sim assim. Outras três também representam o não, que não fica bem no seu coração.”

Beijei meu esposo, fizemos amor, falei sobre o tema do desfile de Valparaíso, tracei metas e descansei um pouco, tirando um profundo cochilo.

Sonhei...

Minha experiência onírica trazia alguns amigos ao meu lado. Estávamos nus e felizes. Tínhamos a sensação de que o mundo era só nosso e estávamos realizados.

Sobre uma montanha, dávamos as mãos e sobrevoávamos um lugar sem igual.

Era lindo, composto por criaturas falantes, dançantes. Aquele lugar explodia em cores. Enchia os olhos daqueles que o viam e resgatava lembranças boas das suas vidas.

Ao nosso voo se juntaram dragões e pássaros flamejantes.

Ali tinha amor e a brisa daquela paisagem exalava um cheiro delicioso. Respirávamos fundo, embebendo nossos pulmões daquele aroma.

O local era mágico.

Repentinamente, parecíamos já não estar no mesmo lugar de antes e o dragão que estava ao nosso lado demonstrou certa inquietação, olhando para todos os cantos à procura de alguém.

Passando alguns minutos, o ser alado encontrou quem ele queria, desceu e baixou sua cabeça para um homem subir.

Ele subiu e embarcou sobre as costas do animal, que alçou voo, juntando-se novamente a nós.

Nos aproximamos deles e perguntamos quem ele era, de onde vinha.

O homem então disse que se chamava César Barney e vinha do Chile, mais precisamente da cidade de Valparaíso.

Enquanto conversávamos, inopinadamente um portal apareceu à nossa frente, sugando-nos para dentro. Estávamos de volta ao lugar do começo do sonho.

Avistamos lá de cima formiguinhas trabalhadoras. O dragão desceu com o homem que se juntou ao grupo de formigas, começando rapidamente a construir um conjunto habitacional. Eles faziam o serviço com muito afinco. Era tão rápida a ação que de uma hora para outra aquele conjunto se transformou em uma urbe grande e povoada, sendo chamada pelas formigas de Valparaíso em homenagem ao homenzinho chileno que ajudou na sua construção.

Descemos e ali já não estavam mais as formigas. Agora eram unicórnios que passeavam pela cidade em marcha pedindo a municipalidade daquela cidade. Queriam ter autonomia própria e gestor só para eles.

Naquela quimera, tive a sensação de que dias passaram e, mirando os olhos para aqueles unicórnios, deparei-me com uma situação que me sobressaltou. Eles, inesperadamente, começaram a se transmutar, transformando-se em anjos de asas vultuosas e brilhantes, os quais, após efetivada a metamorfose, pularam festejando a emancipação da cidade. No mesmo instante, repentinamente eles pararam e ergueram suas mãos, que inopinadamente passou a espargir raios luminosos, servindo de guia para homens e mulheres que vieram do sul, sudeste, nordeste e norte do país para viverem ali.

Diante disso, as árvores daquele lugar começaram a dançar, deixando plainar suas flores que rodopiavam à nossa frente e depois caíam no chão, metamorfoseando-se em motos personificadas que celebravam, segurando com seus guidões um banner escrito Motofest.

Junto com as pessoas que estavam chegando naquele lugar, surgiu um mestre e uma senhora. Ela dizia se chamar Cora Coralina e sorria apresentando sua biblioteca que ficaria no caminho para a casa de umas formigas de cor avermelhada.

Já o mestre disse se chamar Sabá. Era um exímio artista.

Ele nos olhou e perguntou se conseguíamos voar. Dissemos que sim e ele sugeriu que nos dirigíssemos até sua casa. Lá, ele disse, exalamos cultura.

Fomos até a casa e ficamos encantados ao ver umas crianças cantando, enquanto dois rapazes que diziam ter 27 anos praticavam capoeira.

Boom! Paft! Puft!

Bruscamente o cenário mudou e eu já não estava mais com os amigos. Estava em minha casa, brincando com um bruxinho que sorria pra mim, revelando ao seu lado dois pequeninos que esbravejavam em pleno os pulmões.

Acordei de súbito, fazia muito barulho lá fora.

Cães uivavam. Homens sentados nas calçadas conversavam. Mulheres e crianças gritavam correndo pela rua.

Era fim de tarde. Valparaíso estava em festa.

Os miúdos vociferavam. Parabéns, Valparaíso! Jogavam confetes para o alto e pulavam sorridente diante de uma enorme fila para pegar algodão doce.

Era noite de festa, meu município aniversariava, os pequenos comemoravam, as mães sorriam, os rapazes conversavam e os cachorros latiam.

E em coro todos diziam: meu município, meu paraíso, você para mim se faz muito necessário. Feliz aniversário!

Fogos pululavam clareando o céu.

Pow! Pow! Pow!

Era o aniversário da minha cidade.

E o que mesmo faz parte de nossa cidade? Onde começa e onde termina?



Foto: Thiago Maroca

Quem faz parte de nossa cidade? Ora! É quem aqui
chega! É quem por aqui se apaixona. Nossa cidade
acolhe. É abraço de amigo.
Somos um sorriso sincero.



Foto: César Ferreira

Sobre Migração, Pêndulos e Nidificação

Ou BSB-VAL

Souza

Sempre que eu ia sentado no ônibus, celebrava em silêncio comigo mesmo, enquanto lentamente tirava meu livro do momento de dentro da mochila. Era comum ainda me escapar uma tímida oração: “obrigado, Deus”, mesmo eu não mais acreditando em ideia tão arcaica de divindade patriarcal imposta por toda minha vida. A gratidão, no entanto, era autêntica, e abençoava o longo caminho à frente, beirando o sublime por entre os sons do motor do ônibus e de sua pesada carcaça correndo sobre buracos mal tapados.

Passado o tempo para me acostumar ao balanço da viagem e ao sol baixo no lado direito da cara, lidas algumas páginas e o olhar perdido em devaneios através da janela, eu me lembrava do conceito de migração pendular. Aprendi há muito, na escola, em alguma aula de Geografia. Apesar de pouco gostar da disciplina em questão, sempre gostei da imagem do pêndulo: uma estrutura que mantém seu movimento indefinidamente e transita entre dois extremos, como flutuando no espaço, impelido por forças invisíveis.

Já fora da escola, aprendi a entender a vida como pêndulo. Ora estamos num ponto, ora no outro diametralmente oposto. Nunca parados, mas em constante movimento. Sempre impulsionados em uma direção e simultaneamente refreados, puxados para o outro lado na mesma intensidade quanto mais nos afastamos dele. Uma harmonia constante em perfeito paradoxo.

É, as viagens de ônibus têm efeito etérico sobre mim. Convidam-me a devaneios – desde que eu esteja sentado, com um espaço minimamente suficiente para existir em conforto e não haja previsão de engarrafamento à frente. De todo

modo, estar em trânsito, deslocando-me de um ponto a outro no espaço, carrega algo de mágico, sublime. Como fosse eu próprio a expressão viva do pêndulo.

Pêndulo, migração pendular. Só hoje descobri certa problemática no conceito: pessoas que são cotidianamente conduzidas a um ponto no espaço e depois tragadas de volta ao ponto de partida, como fossem objetos. Como não houvesse opção – muitas vezes não há.

Eu tinha opção. E escolhia me fazer pêndulo, impelido pelo pulsar rítmico do meu peito.

Não aprendi o nome para a migração pendular reversa, quando se sai frequentemente da “cidade grande” em direção ao então chamado entorno – outro conceito cuja problemática só desvendei após vivenciá-lo na prática – para mais tarde voltar a seu ninho. Talvez seja uma migração esporádica, diferente do pêndulo que caminha sempre pelo mesmo trajeto impulsionado por forças externas à sua vontade. Talvez sequer seja migração, mas apenas um movimento consciente, constante, presente.

A passagem por Santa Maria foi um dos primeiros pontos de referência que apreendi. Olhando pela janela, via a entrada do grande condomínio que dava boas-vindas a quem chegasse à cidade. Sabia que logo depois viria a Polícia Rodoviária Federal – outro local que logo adotei como referência. Curioso como alguns pontos permanecem fixos nos seus lugares designados no espaço, enquanto outros se movimentam, livres ou forçosamente.

Eu me movia de forma livre. Eu escolhia estar naquele ônibus, desbravando semana após semana um trajeto repleto de objeções. “É muito longe”, “o engarrafamento é foda”, “que trampo, hein!”. Eu escolhia desafiar cada um desses obstáculos com um sorriso sorrateiro no canto de boca, porque me impulsionava uma força não externa a mim, mas tão visceral e profunda que era impossível precisar sua origem. Era, ainda, uma força misteriosa.

Me vi repetindo o mesmo trajeto tantas e quantas vezes, ora arrastado, quase sempre impelido de desejo. Ainda lembro da sensação de cruzar a fronteira protetora do meu quadradinho sozinho pela primeira vez, o peito estourando de adrenalina e flores primaveris cultivadas em terras desconhecidas, tão familiares. Eu expunha meu coração a caminhos inexplorados.

Das várias primeiras vezes que vivi nesta cidade, o inocente olhar estrangeiro me acompanhou sempre. Também me acompanhavam as mãos que me seduziram a vir até aqui naquele primeiro dia, aquele que mudaria o resto de toda minha trajetória, direção e velocidade. Amava aquelas mãos, aquele corpo e aquelas ideias todas.

De repente, num espaço de tempo que pode ter se consumado em semanas ou ao longo dos anos, me vi amando este chão. Semeei afetos pelas praças e parques, colhi amores a cada nova visita ou encontro inesperado na rua. Curioso, desvendava cada caminho, cada árvore, cada rosto que me cruzava o passo, feito criança deslumbrada.

Aos poucos fui me situando – do lado de cá da BR, é Valparaíso I. Por aqui, cada quadra se chama Etapa, e meu amor mora na Etapa A. Ali pra baixo tem uma linha de trem e seguindo por ela eu encontro um meio de mato e até uma cascatinha d'água... Entendi os caminhos para chegar à rua principal e aprendi onde comprar frutas, cigarro ou um bolo de milho com requeijão.

Por esses tempos, pisei muito neste chão, mas sempre voltava para dentro dos limites invisíveis do meu quadradinho, nos quais eu ainda insistia em me proteger. Só quando percebi as raízes que meu coração lançava neste solo goiano entendi que nunca me senti genuinamente pertencente àquelas retas fronteiras artificiais. Nunca me senti pertencente a um – único – espaço geográfico.

O sol quase se escondendo no horizonte, algo através da janela capturou minha atenção por meio do olhar: reconheci a grande passarela amarela – essa eu não podia deixar passar. Puxei a cordinha num pulo, apesar de que outra pessoa já o havia feito, como era de se esperar, e desci. Atravessei a estrutura metálica que

cortava o mar de asfalto e pneus, as pernas em inconsciente movimento constante. Logo estaria em casa.

Após cinco anos de minhas raízes despercebidamente se aprofundando no solo vermelho do cerrado valparaisense, quebrando rochas inconvenientes e perfurando camadas cada vez mais duras de chão, me vi emaranhado a esta cidade. Me vi entrelaçado especificamente ao coração que encontrei no meio do meu caminho e, coincidentemente, reside aqui. A micro-órbita gravitacional desse corpo denso de feitiços foi mais atrativa do que meus fracos encantos candangos: hoje sou valparaisense.

Hoje, estranho ainda mais o conceito de migração pendular. Aindassim, sigo me movimentando livre pela BR, infinita feito oceano sólido, conduzido por estruturas metálicas ora grandes, ora pequenas, e sempre por meus pés inchados de tanto caminhar. Eis a sina de quem não pertence a lugar nenhum: caminhar, caminhar, e caminhar. Ainda que, por vezes, seja convidativo fazer abrigo em cidades-coração que despontam pelo percurso.

Hoje meu peito escolheu nidificar em Valparaíso, cidade feita em efervescência. E, como as forças misteriosas que mantêm o pêndulo em movimento, sinto que as ruas, o trilho de trem e os muitos caminhos desta cidade, de alguma forma, também me escolheram.

Escolhendo seguimos. Escolher a cidade e a cidade a nos escolher. Esse é o sentimento de abraçar e se sentir abraçado de volta. Agora entendo. Olho pra terra e a sinto me olhando de volta. Olha comigo. Reconhece Êle? Êle. Êle.



Foto: Thiago Maroca

Êle

Luiz Lukas Copaseut

Chácaras Brasil, rua Esperança, número 5

Havia uma placa com um letreiro muito velho e de difícil leitura em frente ao portão com a escritura Chácara Nossa Senhora de Fátima. Era ali que Êle morava.

Êle era um menino muito educado e sempre acreditou na bondade das pessoas. Ademais, tinha olhos e cabelo cinza, bocarra que fazia morada para sorrisos que sempre fechavam os olhos quando se mostravam, franzino e sempre com uma machucado na pele que guardava a história de uma aventura que ele vivenciava no número 5.

A chácara era dividida primariamente em três partes. O primeiro terço era como o hall, a entrada de um castelo, com pés de goiaba e mexerica que delimitaram o caminho dos carros. O segundo terço tinha um campo de futebol com uma casa e um salão e, por fim, o último terço. O preferido d'Êle. Essa parte era formada por árvores frutíferas grandiosas (diversos tipos de mangas, abacates, tamarindo etc.), uma horta e um pedaço destinado para arar e plantar milho nos meses de outubro e novembro por causa das chuvas em abundância. Lá também tinha terreno fértil para cultivar a imaginação invejável de uma criança de 8 anos, d'Êle.

Havia a árvore que tinha um galho que era a tirolesa, outra que tinha uma estrutura ideal para a prática de pique-pega, outra que era o teste de coragem, pois apenas os corajosos conseguiam atravessar de uma árvore para outra, e mais uma infinidade de possibilidades que a imaginação d'Êle pudesse criar. Essa parte também tinha uma peculiaridade, pois, como estava localizado nos fundos da chácara, dificilmente adultos com suas rotinas de trabalho iam por lá. Então era um

espaço que as crianças dominavam e institucionalizavam as regras que faziam sentido, de acordo com o dia, o tempo e a aventura que estavam vivendo.

Êle era o quinto filho. Dois garotos, duas garotas e Êle, além de seus pais, é claro. Moravam de favor no número 5. Era uma família simples, contudo os valores que traziam consigo não poderiam ser comprados ou achados em qualquer lugar.

Número 5 tinha três vizinhos. Do lado direito era um terreno destinado exclusivamente para plantio, atrás tinha uma área de preservação ambiental com mata nativa e do lado esquerdo morava um casal de velhinhos muito simpático, D. Francisca e Sr. Otacílio, que gostava de crianças na maior parte do tempo. Era uma vizinhança muito tranquila e os indivíduos se tratavam com muito respeito e levavam uma vida em comunidade, sempre auxiliando uns aos outros.

Êle, após completar os 7 anos, conheceu a paixão de sua vida. A escola. Esta carrega ainda hoje o nome de um dos maiores ídolos nacionais: Ayrton Senna. De alguma maneira, o exemplo de sucesso do piloto influenciou e motivou diversos estudantes, que por ali passaram, a alcançar êxito como profissionais e como seres humanos.

Êle vivenciou grande parte de suas intensas alegrias e descobertas naquelas quatro salas de aula, na biblioteca e no campo de terra que praticava desde peteca à basquete. Não tinha o hábito de faltar aula e seu corpo o ajudava, já que era acometido por doenças sempre nos finais de semana. As pessoas o chamavam de coitado por esse fato, mas Êle nunca demonstrou tristeza com essa realidade.

Êle viveu no número 5 por 10 anos. Nesse ínterim, acumulou amigos, tios queridos (uns nem tanto) e uma gama de histórias que carrega ainda hoje com muito carinho e orgulho. Êle tem tudo gravado na cabeça: as árvores, os aromas, os bichos, os medos, as sensações das paixonites da infância, os vizinhos (mesmo aqueles que já partiram), os amigos... Enfim, uma vida inteira na memória e no coração.

Há uns quinze dias, Êle colocou seu filho de 6 meses no carro para percorrer o trajeto da rua Esperança até a escola, se perguntou inúmeras vezes se essas memórias, tão vívidas, eram reais ou apenas uma pegadinha que o cérebro tentava pregar nÊle. Porém, o corpo dÊle também respondeu. Se arrepiou, sentiu o coração acelerar e, de alguma maneira, mesmo sem as árvores, conseguiu sentir o cheiro de outrora ao fechar os olhos. O pequeno parecia sentir também. Estava embasbacado e seguiu o trecho sem balbuciar nenhuma espécie de choro ou reclamação.

Êle olhou para o filho e algumas lágrimas ensaiaram uma descida, o que não ocorreu de fato. Nesse momento, Êle percebeu que seu pequeno não poderia vivenciar aventuras como as dÊle, que agora a rua Esperança na verdade era o corredor de cerâmica do sétimo andar, a terça parte do número 5 eram as quatro paredes do seu quarto e sua maior paixão, ao invés de uma escola, provavelmente será uma tela colorida. E tudo bem. O pequeno vai construir outras narrativas com a nova realidade no, também, número 5.

Em seguida Êle sorriu, abraçou o pequeno e sentiu gratidão. Só.

Nossa cidade é também a arte dos que aqui residem.
Nos lugares onde estamos. Próximos do coração.
Encontramos a arte no corpo. E também em qualquer
construção. O que nos move e nos serve. Tudo é
poesia.



Foto: César Ferreira

Faltou Luz: o brilho que foi apagado

Alexandre Bernardo e César Ferreira

Valparaíso me seduz: de dia falta água, de noite falta luz!

Minha mãe costumava cantar esse versinho toda vez que faltava luz. Era muito comum. Nós, as crianças, íamos para a rua brincar sob o olhar atento dos nossos pais, que também iam pra rua. Meus pais moram na mesma casa na Etapa B desde quando se casaram, há 34 anos, e era possível ver que na região do Pólo JK, já Distrito Federal, havia energia. Eu me perguntava como seria possível que tão pertinho da gente tivesse energia mas na nossa cidade não.

O que mais me impressionava era o brilho amarelado dos postes refletido nas nuvens do céu noturno. Era algo que só dava pra ver quando acabava a luz. Certa vez, a energia acabou e não voltou. Um dia, dois, três, quatro... Lembro que falavam que uma peça de alguma usina (ou seria de alguma distribuidora?) havia quebrado e que uma nova estava sendo transportada; era necessário paciência. Muitos estabelecimentos comerciais relataram perdas.

A Disfrut distribuiu seu estoque de sorvetes inteiro, de graça. Depois disso, sempre que acabava a luz eu ficava com vontade de subir para a Etapa A esperando ser agraciado, mas fiquei sabendo depois de algum tempo que eles haviam adquirido um gerador.

A minha infância e adolescência aconteceram basicamente no Valparaíso 1 e estudei todo o Ensino Fundamental e Médio na mesma escola, o CEBAM, na Etapa A. Eu e meus irmãos tivemos bolsa lá. Na quinta série eu ia andando sozinho para a escola e gostava do caminho - na época eu achava extenso mas hoje acho um pulo - e ali pela metade do percurso havia um mercadinho, o Vitória, onde de vez em

quando eu comprava vinte big-bigs, (a cinco centavos) os quais administrava durante a tarde na escola e dividia com meus colegas. Naquela época, R\$1,00 era muita coisa.

Eu era instruído sempre a andar com muita atenção na rua. Era comum avistar grupos geralmente masculinos de pessoas fumando e foi assim que eu aprendi a reconhecer alguns cheiros característicos. Próximo da casa dos meus pais, por exemplo, havia um descampado onde muitos jovens se reuniam para soltar pipa na época do vento e se aglomeravam nos muros da casa da frente. Era lá onde acontecia o tráfico e éramos vizinhos da boca-de-fumo.

Era bastante violento: víamos armas, tiros, drogas e brigas. Hoje entendo porque tínhamos duas Filas-Brasileiras enormes: as ruas eram ocupadas por jovens sem muito o que fazer e o descampado permitia inúmeras rotas de fuga, dificultando o trabalho da polícia.

Uma vez, já ali pelos 14 anos, eu voltava da escola ouvindo música no MP4 que eu havia pego emprestado com uma colega de sala e distraído, já a 20 metros de casa, um moço me abordou e me roubou o aparelho. Foi uma abordagem meio tosca, mas como eu não soube reagir e ler a situação bem (nunca tive certeza se ele estava armado), entreguei sem resistência. Entrei em casa assustado, arrasado, sem saber como iria contar pra colega o acontecido e, principalmente, sem saber como eu faria para ressarcir o aparelho roubado.

Imediatamente, um outro homem em uma bicicleta bateu na porta. Assustei. Ele me disse que viu de longe a abordagem e perguntou o que tinha acontecido. Eu relatei o roubo. Ele pareceu muito nervoso e foi embora. Juro que depois de mais ou menos dez minutos ele retornou e me devolveu o aparelho, informando que ninguém naquela área (só ele?) poderia roubar os moradores e que o cara era de fora. Me pergunto até hoje o que aconteceu com o cara que me roubou.

O maior medo dos meus pais era que eu me envolvesse com pessoas que me desviassem do caminho casa-escola. Me lembro de sempre ver gente na rua e os colegas do meu irmão, mais velhos que eu, exploravam a cidade sem medo,

andando ou de bicicleta, e contavam grandes aventuras. Meu espaço exploratório era no máximo a ponta da rua (morávamos no quadradão).

Havia dois meninos mais ou menos da mesma idade que eu na rua e nós éramos amigos. Tenho lembranças muito alegres com eles. Meus pais observavam essa amizade de perto, porque os meninos não eram muito de respeitar regras, hoje entendo. A verdade é que as crianças ficavam muito soltas na rua naquela época e como cabeça vazia é oficina do diabo, éramos muito controlados sobre o tempo fora de casa.

Eu ficava muito na escola, muitas vezes na biblioteca ou nas atividades esportivas. Dormir na casa dos coleguinhos? Nem pensar. Sair à noite? Nem pensar. No Ensino Médio eu e meus amigos da infância fomos separados, fomos para escolas diferentes e o rumo que nossas vidas tomou confirmou o medo dos meus pais. Ambos meus amigos se envolveram com drogas e com pessoas não tão legais. Um deles, que participava de um grupo criminoso e traficava, foi morto a tiros na rua, na Etapa A. O outro, viciou-se em crack e quase morreu espancado. Depois de um tempo, a droga lhe bagunçou a cabeça, nunca mais foi a mesma pessoa. Uma pena. Aquele menino brilhante falava, aos 8 anos, que estudaria Física na UnB.

Em 2011, Valparaíso foi considerada a cidade mais violenta do Brasil, com uma média de 76 assassinatos a cada cem mil habitantes, colocando-nos no radar mundial da violência. Tivemos inclusive intervenção da Força Nacional, uma polícia muito truculenta que andava pela cidade exibindo seus fuzis pela janela da viatura. Dava medo andar na rua, sempre deu. Imagino que seja uma questão de infraestrutura de distribuição, praticamente a mesma de sempre.

Até hoje é comum acabar a energia, não na mesma frequência, mas quase sempre que chove. E a cidade cresceu muito: em breve, seremos 200 mil habitantes. Parece pouco frente aos oito bilhões que temos hoje no mundo. Mas não é. Cada vida importa e na periferia a gente começa a entender o preço de cada uma. A gente entende quem valoriza, quem é alvo e quem vale de fato. Vinte e tantos anos depois, numa noite sem energia, vimos minha primeira sobrinha dar os primeiros passos.

Isso nos fez pensar que no meio do caos tem também a sede da vida. A vida não cansa de surpreender e de querer se fazer vida, dia após dia.

Cada amigo meu deixou um pouquinho de si dentro mim. Sinto a falta deles em momentos e sei que tudo podia ser diferente. Odeio perceber que tudo é parte do caminho quando tem gente que fica pra trás. Mas também percebo que não é somente fato para se deixar pra lá e seguir em frente. Tudo é reflexão e na periferia a gente aprende a ser gente.

Alguns chamam de sorte, Deus ou Exu. Eu que não acredito no acaso nem destino, chamo de sistema, que nos quer cada vez mais alienados de tudo. Reproduzo. Reproduzo falas, discursos, filhos e livros. Mas entendo quando entro na rede social e querem criminalizar o nosso modo de viver. Na sobrevivência lembro que a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte. Foi na música que aprendi. Eu também sou combate e com a batida na porta me assombro.

Afinal, o temor é frequente quando não temos mais em quem confiar. De um lado a polícia que insiste em não cortar suas maçãs podres, porque eu sou teimoso em não acreditar na maldade geral e nem em generalizações. Entro em contradição por vezes, é certo. Acredito no outro lado. Quem entra na onda da violência não parece buscar diversão. Não para mim. Não quem eu conheci. Não os meninos da minha rua.

A batida continua.

Perdi a paciência (ou o medo) e fui logo atender.

Na porta um senhor maltrapilho me diz:

Meu querido...

Cortaram minha luz.

Por favor.

Você tem uma vela aí?

A cidade sem sentimento. Alguém pode reclamar. Falta amor e os bares estão cheios de almas vazias? Não. Não é essa a nossa cidade. Aqui quando reclamamos somos novamente poesia. O Val é isso. Somos também as letras que percorrem o nosso nome. Chegam também na alma e no coração. Alma cheia de palavras e poesia.

Somos a Academia de Letras do Valparaíso.



Foto: César Ferreira

Posfácio

A Academia Valparaense de Letras – AVL foi instituída em âmbito municipal por meio da Lei Nº 1.403, de 31 de março de 2020. Sua concepção, entretanto, deu-se no dia 05 de julho de 2019 com o chamamento dos Membros Fundadores pela idealizadora do Projeto, Drielly Neres. Com dez membros fundadores, nascia naquele instante, em meio ao frio, chuva e piscadelas, a menina AVL.

No percurso da Academia, como em todas as instituições, ajustes são feitos, uma vez que existia o pulsar de poesia, mas faltava a regulamentação legal, com constituição de CNPJ e registro cartorial. Foi quando novos membros fundadores se reuniram no dia 26 de junho de 2020 para a oficialização, após a Lei de criação ter sido sancionada, firmando, finalmente, a sua existência e legalidade.

Atualmente, possui o título de Utilidade Pública Municipal declarada pelo Gestor Municipal. Poderíamos aqui contar cada linha dessa história, cronometradamente, mas acreditamos que a verdadeira história é vivenciada sem que as páginas consigam alcançá-la. Nossa maior marca é a poesia, é o canto de cada voz verborrágica que aqui se desnuda. Que se instaure no mistério, nas entrelinhas, outras histórias acerca dessa criação... Deixe que os outros contem sobre esse nascimento, adicionem capítulos, recontem em prosa e poesia.

Ela existe e está aqui firmada na verdade, coragem e amor pela língua pátria e literatura brasileira destes Imortais, Confrades ousados que sonharam e realizaram o alcance de uma Academia plural.

Sobre os autores



Dry Neres — acadêmica ocupante da cadeira nº 1, representando o peso existencial de Clarice Lispector. Presidente da Academia Valparaense de Letras. Licenciada em Letras, Pedagogia e Filosofia e Especialista em Gramática, Produção de textos, Literatura e Linguística. Escritora registrada e reconhecida sob o Prefixo Editorial 918592 pelo Instituto da Biblioteca Nacional – ISBN. Palestrante, representante da RIDE na Feira do Livro de Brasília. Autora de onze livros infantis, cinco romances e uma metalinguagem. Servidora do quadro efetivo da Secretaria Municipal de Educação de Valparaíso de Goiás e proponente do projeto de criação e fundação da AVL. Mestranda em Educação, Gestão e Tecnologias pela UEG. Escreve como quem tem fome. E tem.



Michel Duarte — acadêmico ocupante da cadeira nº2, representando o realismo fantástico de José J. Veiga. Pedagogo e

Técnico de Enfermagem, nasceu em Jabaquara, São Paulo, em 09 de maio de 1982. Vice-presidente da Academia Valparaense Letras, veio para Goiás na adolescência. Sua maior paixão sempre foi o livro. Essa prática o ajudou a despertar em amigos e alunos o mesmo sentimento positivo em relação à leitura. Hoje, é palestrante, gestor de projetos sociais e culturais, mediador e incentivador voluntário da leitura em Brasília e na RIDE. Com o projeto Estação Literária, iniciado na 4ª Bienal Brasil do Livro e da Leitura em Brasília, os livros foram trocados e recebidos para serem doados em Valparaíso de Goiás e no entorno. Sua primeira obra: *Se hoje eu te odeio*. E publicou *O caminho da Joaquina*. Escreve sob o heterônimo **Don Juan do Val**.



Simone Fernandes — acadêmica ocupante da cadeira nº3, representando o lírico Jorge Amado. Aos 58 anos, Simone Fernandes é natural do estado do Rio de Janeiro, cidade litorânea de Macaé. Mudou-se para Brasília com a família em 1980. Após casar-se, passou

a residir em Valparaíso de Goiás, onde está há 25 anos. Tornou-se escritora em 2009, quando lançou sua primeira obra: *O segredo da Imortalidade*, dando sequência a mais cinco obras publicadas. Amante da educação, praticante do Espiritismo, vê na escrita a oportunidade de orientar, amparar e acolher todos os que se aventuram nesse mágico universo das palavras, o sagrado mundo, onde tocamos as almas em sua totalidade.



Débora Iglesias — acadêmica ocupante da cadeira nº7, representando o icônico Manuel Bandeira. Nascida na Cidade Maravilhosa, Rio de Janeiro, em 1970. Filha de Ricardo Iglesias e Marimedes de Souza, mora em Valparaíso de Goiás desde 1992. Formada em Letras–Português e Inglês pelo Centro de Ensino Superior do Brasil, pós-graduada em Docência do Ensino Superior. Exerce a profissão de professora desde 1993. Escritora, poetisa e artista desde sempre. Publicou Sua primeira obra, “*Galdor, o retorno da magia*”,

um romance de fantasia, em 2018, pela Amazon.com. Em 2019, lançou o conto infantil “*O Pinheirinho*”, já como membro da AVL. A literatura sempre foi sua paixão e ser escritora, seu objetivo de vida.



Alexandre Bernardo — acadêmico ocupante da cadeira nº 8, representando o enigmático Machado de Assis. Licenciado em Letras Português-Literatura, História e Música, especialista em Docência do Ensino Superior, Literatura Brasileira, Estudos Literários e Filosofia. Autor dos livros “*Universos paralelos*”, “*Anjo reverso*” e “*Meu livro de xadrez*” (Editora Enovus). Trabalha com Xadrez desde 2010 e atualmente ministra aulas na área. Atua na Federação Brasiliense de Xadrez, organiza o Aberto Marista de Xadrez e é árbitro e treinador de campeões

brasilienses Sub08, Sub10 e Sub12 e de um campeão brasileiro Sub12.



Jhean Lima — acadêmico ocupante da cadeira nº10, representando o emblemático Mario Quintana. Jean Jackson de Lima e Silva nasceu em uma cidade do Sertão do Alto Pajeú, chamada Afogados da Ingazeira, em Pernambuco. Tem 40 anos e é formado em Letras. Veio para o Distrito Federal no ano de 2002 e reside em Valparaíso de Goiás desde 2008. É um dos fundadores da Academia Valparaisense de Letras e Secretário Geral. Admira a arte da poesia e vive a constante busca de desvendar o segredo das palavras na sua propriedade incondicional de significâncias. Assim, aproximando-as da emoção dos homens, traduzindo-as em versos, sonhos e sentimentos. Possui, atualmente, poemas publicados em coletâneas da CBJE (Câmara Brasileira de Jovens Escritores). Professor efetivo de Língua Portuguesa da rede municipal de Valparaíso

de Goiás e de Novo Gama na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e, atualmente, atua, em Valparaíso, como Coordenador de Formação Continuada. Revisor de Texto, Cerimonialista, Produtor de Eventos Pedagógicos e Culturais, Ator da Cia de Teatro Fernando Fernandes, tendo estreado, em março de 2018, a peça *Romeu & Julieta* no Rio de Janeiro, de Fernando Fernandes. Foi Conselheiro e Secretário Executivo do Conselho Municipal de Educação de Valparaíso. Lançou, em 2019, a obra *Eu poemo, tu poetizas* com poemas sobre poesias de essência.



Solange Ribeiro dos Passos — acadêmica ocupante da Cadeira N° 15, representando a Patronesse Cecília Meireles. Formada em Pedagogia, Pós-graduada em Arteterapia e Educadora Popular. Contadora de histórias e declamadora por natureza. Apaixonada pelo universo infantil, pelo encantamento dos livros

e das palavras, fomenta a leitura e a escrita por onde passa. Escreve para contemplar tudo ao seu redor, com simplicidade e delicadeza, deixando suas escritas voarem com leveza, no intuito de que o vento as leve e as espalhe pelo caminho que for.



Thiago Maroca — Acadêmico ocupante da Cadeira N° 12, representando o Patrono Rubem Braga. Professor, produtor cultural e voluntário no movimento escoteiro. Escrevo sobre tudo que me faz sentir, seja música, cinema ou as crônicas sobre o cotidiano.



César Ferreira — Acadêmico ocupante da Cadeira N° 23, representando o Patrono Ariano Suassuna. Professor, Fotógrafo, Ator e Diretor de Teatro. Estudou e estuda Letras,

Produção Audiovisual, Fotografia e Teatro e escreve em seu blog pessoal há 12 anos. Já morou na Índia, trabalhou com Televisão e Cinema e atualmente é Mestrando em Ensino de Artes pela Universidade de Brasília. É Professor em Valparaíso de Goiás na Escola Municipal Nelson Mandela, onde também dirige a Trupe Madiba de Arte e Cultura, grupo de Teatro formado por alunos da instituição.



Docimar JF — Acadêmico ocupante da cadeira nº 25, representando Mário de Andrade. Professor, contador de histórias, escritor e cooperário da causa animal e ambiental. É Licenciado em Letras e Pedagogia. Especialista em Língua Portuguesa e Neuropsicopedagogia com Educação Especial e Inclusiva. Atualmente é mestrando

na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - UNB. É um visionário e reconhece na educação a solução para boa parte das mazelas humanas. Enxerga no universo literário e na leitura o passaporte para a fantasia e a imaginação criativa, na qual é possível estar onde quiser e quando quiser, transformando mentes e sociedades.



Luiz Lukas Copaseut — Acadêmico ocupante da cadeira nº 17, representando João Cabral de Melo Neto. Nascido em Ouricuri, PE. É ator associado ao Sated/GO com DRT número 3105 e compõe o núcleo de atores da Cia Semente de Teatro, Gama - DF, desde 2008. Licenciado em Letras e especialista em gramática e produção de texto, é servidor do

quadro efetivo da Secretaria Municipal de Educação de Valparaíso de Goiás.



Souza — Acadêmico ocupante da cadeira nº 22, representando Manoel de Barros. Souza é o apelido-sobrenome artístico de Lucas Guimarães Cabral de Souza, brasiliense que, acima de tudo, acredita no amor. Entende que, atravessadas por esse horizonte, as pessoas podem ser quem de fato são. E vivendo — sendo —, Souza busca se personificar cada vez mais no amor, esse sentimento abstrato tão ação-concreta. De resto, é biólogo de formação, pós-graduando em Psicologia Analítica, professor de yoga e poeta. Por meio de suas aulas e escritos, busca facilitar o encontro das pessoas com elas mesmas, ainda que apenas por um instante. Às vezes é o suficiente.

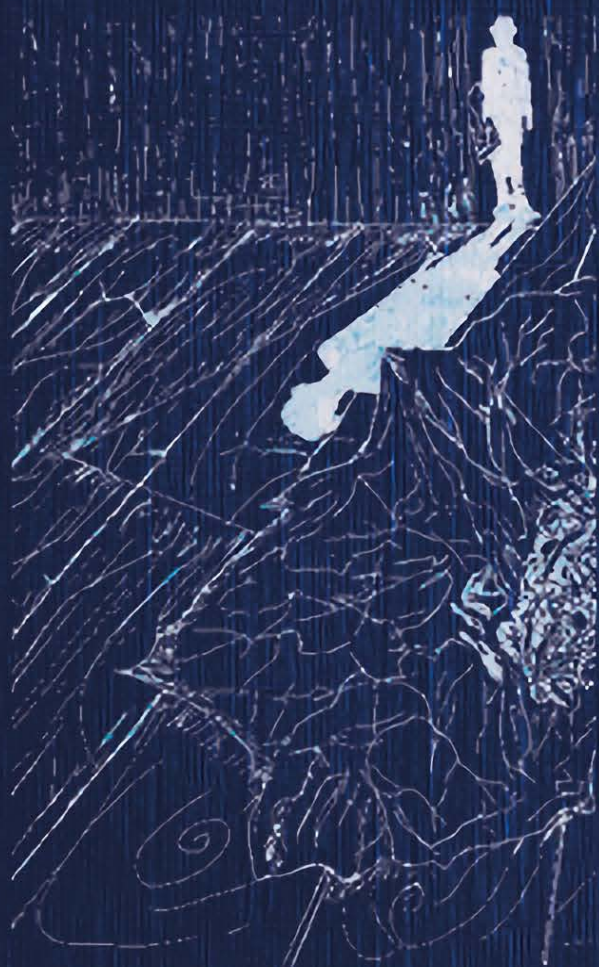
AO VALPARAÍSO

Para acessar outros títulos gratuitos, visite
www.academiavalparaisensedeletras.com

A ACADEMIA VALPARAISENSE DE LETRAS (AVL) PRESTA
SUA HOMENAGEM À CIDADE DE VALPARAÍSO DE GOIÁS.
O NOSSO VAL E O NOSSO PARAÍSO.

O PRESENTE LIVRO É CARREGADO DE HISTÓRIA, MAS
TAMBÉM DE SENTIMENTALIDADES QUE ENVOLVEM O
NOSSO CHÃO. A MISTURA RESULTOU EM POESIS, ISTO
É, EM POESIA.

EU TE CONVIDO AGORA A CONHECER E VIAJAR COMIGO
EM CADA UMA DESSAS HISTÓRIAS. SEGURA A MINHA
MÃO. QUERO TE MOSTRAR O CÉU DA MINHA CIDADE.



A14

ISBN 978-85-995439-2-0

cat



9 786599 543920